



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
BIBLIOTECONOMIA

ANNA CAROLINA DE ALMEIDA COSTA

A MÚSICA E O EMPODERAMENTO DA MULHER:
informação musical como subsídio para o conhecimento

João Pessoa

2017

ANNA CAROLINA DE ALMEIDA COSTA

**A MÚSICA E O EMPODERAMENTO DA MULHER: INFORMAÇÃO MUSICAL
COMO SUBSÍDIO PARA O CONHECIMENTO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Biblioteconomia do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel.

Orientadora: Prof^a Dra. Gisele Rocha
Côrtes

JOÃO PESSOA

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C837m Costa, Anna Carolina de Almeida.

A música e o empoderamento da mulher: informação musical como subsídio para o conhecimento / Anna Carolina de Almeida Costa. – João Pessoa, 2018.
76f.: il.

Orientador(a): Profª Dr.ª Gisele Rocha Cortês.

Trabalho de Conclusão de Curso (Biblioteconomia) – UFPB/CCSA.

1. Biblioteconomia. 2. Informação musical. 3. Desigualdade de gênero. 4. Feminismo. 5. Empoderamento. I. Título.

UFPB/CCSA/BS

CDU:02(043.2)

ANNA CAROLINA DE ALMEIDA COSTA

**A MÚSICA E O EMPODERAMENTO DA MULHER: INFORMAÇÃO MUSICAL
COMO SUBSÍDIO PARA O CONHECIMENTO**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Curso de Graduação em
Biblioteconomia do Centro de Ciências
Sociais Aplicadas da Universidade Federal
da Paraíba como requisito parcial para
obtenção do Título de Bacharel.

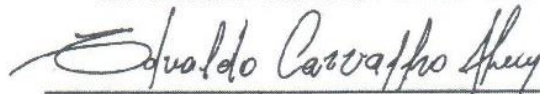
Aprovada em: 23 / 11 / 2017.

BANCA EXAMINADORA



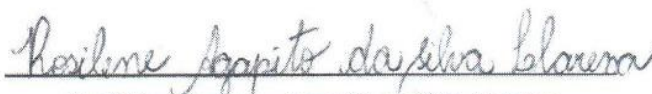
Profª Dra. Gisele Rocha Côrtes

Universidade Federal da Paraíba - Orientadora



Profº. Dr. Edvaldo Carvalho Alves

Universidade Federal da Paraíba - Membro da Banca



Profª Dra. Rosilene Agapito da Silva Llerena

Universidade Federal da Paraíba - Membro da Banca

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe, Eugenia Silva de Almeida por todo apoio, todo carinho, amor e dedicação durante todas as etapas da minha vida e por ser uma mulher forte e inspiradora.

A Géssica, Aline e “Tia Dete”, as irmãs e a tia que a vida me deu, juntamente com Arthur, amigos que apoiaram em tantos momentos da vida.

A Andressa, Larissa, Adriana, Caroline, Bim, Ana, e a amigas e amigos que conheci através do *twitter*, que apesar da distância física estiveram comigo em diversos momentos, dando apoio em momentos de alegria e em dificuldades, inclusive para construção deste trabalho.

A colegas de turma, pelo tempo compartilhado e momentos passados juntos (as). Em especial a Cristina, Sylvania, Alcione, Rebecca, Ricardo e Edvan, além de amigos (as), parceiros (as) de grupos de trabalhos semeados de risos e estresses.

A minha orientadora, Gisele Rocha, pela paciência, apoio e dedicação. Muito obrigada por me orientar e acreditar no meu sonho.

A professora Rosilene Agapito e ao professor Edvaldo Carvalho por terem aceitado participar como membros da banca e contribuírem com o trabalho.

“Sem a música a vida seria um erro.”

(Nietzsche)

RESUMO

Analisa o uso da música como fonte de informação para mulheres e seu valor como subsidio para o empoderamento. Busca o lado social da Biblioteconomia, através da música como ferramenta de mediação e disseminação da informação devido ao seu maior alcance e apresenta a importância da música para a sociedade. Se utiliza de metodologia de pesquisa documental, com caráter qualitativo e estudo correlacional. Foi realizada análise das letras de música das cantoras Elza Soares, Mc Carol, Karol Conká, Pitty e da banda Francisco, El Hombre de modo a mostrar como podem ser utilizadas para o empoderamento feminino através das informações descritas, obtendo como resultados a possibilidade do uso da música por profissionais da informação.

Palavras Chave: Biblioteconomia. Informação musical. Desigualdade de gênero. Feminismo. Empoderamento.

ABSTRACT

It analyzes the usage of music as a source of information for woman and its value as a subsidy for empowerment. It seeks the social side of Librarianship through music as a tool for mediation and dissemination of information due to its greater reach and presents the importance of music to society. It uses documentary research methodology, with qualitative character and correlational study. An analysis was made of the lyrics of songs by: Elza Soares, Mc Carol, Karol Conká, Pitty and the band Francisco, El Hombre, in order to show how they can be used for female empowerment through the information described, obtaining as results the possibility of using of music by information professionals.

Keywords: Librarianship. Musical information. Gender inequality. Feminism. Empowerment.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Elza Soares.....	44
Figura 2 - Tipos de violência.....	48
Figura 3 - Mc Carol.....	49
Figura 4 - Karol Conká	50
Figura 5 - Aqualtune	52
Figura 6 - Carolina Maria de Jesus.....	53
Figura 7 - Dandara	54
Figura 8 - Chica da Silva	54
Figura 9 - Nina Simone.....	56
Figura 10 - Zeferina	56
Figura 11 - Frida Kahlo.....	57
Figura 12 - Pitty	59
Figura 13 - Juliana Strassacapa	61

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 METODOLOGIA	13
2.1 CARACTERÍSTICAS DA PESQUISA.....	13
2.2 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE.....	14
3 BREVE HISTÓRICO DA BIBLIOTECONOMIA	15
3.1 A BIBLIOTECONOMIA NO BRASIL.....	19
4 REPRESENTAÇÃO E RECUPERAÇÃO DA INFORMAÇÃO	23
4.1 RECUPERAÇÃO DA INFORMAÇÃO MUSICAL.....	25
5 MÚSICA, SOCIEDADE E INFORMAÇÃO	28
5.1. INFORMACAO MUSICAL	31
5.2 A MÚSICA NO PROCESSO DE EMPODERAMENTO	34
6 RESULTADOS	42
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
REFERÊNCIAS	67

1 INTRODUÇÃO

A informação está presente em todos os lugares e ocorre de forma contínua e multidisciplinar no âmbito social. A música insere-se neste contexto, permeia a sociedade de forma universal, agregando e disseminando bens culturais para distintos grupos. Por meio dos processos históricos de transformação da humanidade, a cultura é expressada delineando diversos gêneros musicais, criados no contexto em que estão inseridos, agregando diferentes valores informacionais contidos no meio social.

Barros (2006, p. 21) afirma que a música mostra o resultado da expressão de comportamentos humanos, e estes, por sua vez, são compostos dos valores, representações sociais e políticas. Transmite desta forma, novas informações para quem escuta as músicas. A música pode ainda ser uma fonte de informação complementar, como afirmam Klöppel, Souza e Spudeit (2013, p. 2-3) ao enunciarem que “com o auxílio de outras fontes, a música pode suprir a necessidade do usuário em busca de informações sobre determinados locais”.

A informação musical possui significativo alcance, em comparação a informação tradicional contida nos livros, tendo em vista a sua facilidade de chegar nos mais variados lugares e públicos. Tal aspecto tem tido ressonância cada vez maior na sociedade contemporânea, com o advento das Tecnologias de Comunicação e Informação e o crescimento constante da internet por meio de aplicativos como spotify, deezer, youtube, entre outros, que permitem o acesso gratuito à música dos (as) mais variados (as) artistas.

Com a facilitação do acesso aos diferentes gêneros musicais se estabelece também a possibilidade de conhecer artistas, bem como pessoas que estão ouvindo determinada música. Essa dinâmica permite o contato entre diferentes grupos, estabelecendo-se assim, relações que podem trazer diferentes interpretações musicais de acordo com a leitura de mundo de cada indivíduo. Pode-se também estimular reflexões e discussões da informação contida nas letras, afetando aqueles (as) que a escutam.

Nas trilhas de Barreto (1994, p. 1) pode-se afirmar que a informação é qualificada como um instrumento modificador da consciência do ser humano e sua coletividade. A informação, segundo o autor [...] quando adequadamente assimilada, produz conhecimento, modifica o estoque mental de informações do indivíduo e traz

benefícios ao seu desenvolvimento e ao desenvolvimento da sociedade em que ele vive.

Neste contexto, tenho como questão de pesquisa: De que maneira a música utilizada como fonte de informação pode contribuir para o empoderamento das mulheres? Possuindo como objetivo geral para alcançar essa questão: Analisar como determinados conteúdos de informação musical podem contribuir para o empoderamento das mulheres, conhecendo sua influência nos processos de comunicação, e caracterizando-a como fonte de informação.

Com os objetivos específicos se propõe a:

- a) Identificar músicas que podem se configurar como subsídios informacionais para o empoderamento das mulheres
- b) Desvelar o conteúdo manifesto-latente das letras das músicas selecionadas capazes de produzir efeitos dissertativos na direção do empoderamento feminino.

A motivação para a escolha do tema veio do fato de que sou amante da música. Independente de gênero musical eu gosto de escutar o que me faz bem no momento e sempre pensei na possibilidade da música ser considerada uma fonte direta de informação. Podemos encontrar nas letras das músicas diferentes mensagens passadas de quem as escreveu ao público que as ouve.

A temática escolhida se deve ao fato da música ser universal e independente de gênero pode tratar de diferentes assuntos, trazendo diferentes informações. Busca-se trazer esse campo de pesquisa da informação musical para a Biblioteconomia, visto que a grande maioria dos trabalhos realizados nesse campo trata a música apenas de forma técnica, estudando os suportes e formas de catalogação dos mesmos, como afirma Valena (2016).

Pinto (2001, p. 223) diz que a música é uma “manifestação de crenças, de identidades, é universal quanto à sua existência e importância em qualquer que seja a sociedade”. Nas letras de música podemos encontrar mensagens que mostram a realidade atual ou a história, mostram a cultura, pensamentos e emoções que podem atingir diferentes grupos e pessoas de diferentes formas. Essa pesquisa busca saber justamente quando e para quem aquela letra traz conhecimento.

Considero que a música pode de fato ser considerada uma fonte direta de informação e pode ser utilizada no âmbito social de forma educativa para construir

uma rede de informação para as mulheres, de acordo com suas letras e com a mensagem passada.

2 METODOLOGIA

Mostra o caminho percorrido pela pesquisa, as técnicas utilizadas e os procedimentos metodológicos utilizados para a construção deste trabalho.

2.1 CARACTERÍSTICAS DA PESQUISA

A pesquisa se constituiu a partir de pesquisa documental que, como destacado por Gil (2008, p. 51) “vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa”. Assim, foram utilizadas as letras de música enquanto documentos e fontes de informação. Foi também utilizada a pesquisa bibliográfica para a revisão de literatura, que segundo Marconi e Lakatos (2003) é o estudo da literatura já escrita sobre o tema e que traz dados relevantes para a pesquisa. A pesquisa foi realizada em livros e artigos de autores (as) que abordam temas acerca da música, da informação e trabalhos sobre as desigualdades de gênero.

O estudo caracteriza-se como correlacional, por querer verificar se determinados conteúdos de informação musical podem contribuir para o empoderamento de mulheres. Para isso há uma seleção de algumas músicas, com critérios estabelecidos. Sendo estes, músicas cantadas por mulheres e para as mulheres com intenção de trazer informação de acordo com a mensagem que querem passar. Foram selecionadas a princípio cerca de 30 músicas com essas características, sendo as selecionadas, músicas em português, que trazem a mensagem desejada do estudo e que são conhecidas, sendo assim mais fácil que as mulheres escutem ao tocar em uma rádio, por exemplo.

A abordagem é qualitativa, por meio da análise da informação musical de forma não quantificável e subjetiva. “O método qualitativo é adequado aos estudos da história, das representações e crenças, das relações, das percepções e opiniões, ou seja, dos produtos das interpretações que os humanos fazem durante suas vidas, da forma como constroem seus artefatos materiais e a si mesmos, sentem e pensam” (MINAYO, 2008, p. 57).

2.2 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE

Foi realizada a análise e descrição de quatro músicas cantadas por artistas brasileiras, buscando conhecer a informação transmitida por meio das letras. As músicas foram escolhidas de acordo com o objetivo do trabalho, ou seja, abordar músicas que podem ser utilizadas como subsídios para auxiliar no empoderamento feminino.

No quadro abaixo, pode-se observar os dados sobre cada música escolhida.

Quadro 1 – Músicas selecionadas para análise

Cantora	Música	Composição	Ano da composição
Elza Soares	Maria de Vila Matilde	Douglas Germano	2016
Mc Carol e Karol Conká	100% Feminista	Mc Carol	2016
Pitty	Desconstruindo Amélia	Pitty, Martin Mendonça	2009
Juliana Strassacapa (Francisco, El Hombre)	Triste, louca ou má	Juliana Strassacapa	2016

Fonte: Dados da pesquisa (2017)

A análise das músicas foi realizada articulando as mensagens com o referencial teórico abordado no trabalho.

3 BREVE HISTÓRICO DA BIBLIOTECONOMIA

Desde os primórdios, a humanidade sente a necessidade da informação e do registro dos acontecimentos por si produzidos. Como pode ser afirmado por Shera (1977), ao dizer que o quinto fator essencial à sobrevivência do ser humano é a necessidade de informação. Segundo ele, o ser humano tem a necessidade de estímulos contínuos do novo.

Com isso a necessidade do registro destas informações constantemente produzidas foi aumentando, levando ao registro dos conhecimentos adquiridos em suportes como os tabletes de argila na antiguidade, avançando aos papiros e pergaminhos, até sua chegada ao papel.

Posteriormente, com o avanço constante da tecnologia e da informática, foram criados suportes como disquetes, fitas, cds, pen drives e, nos dias de hoje, chegando ao que se chamamos de armazenamento “nas nuvens”, que consiste em programas e aplicativos que permitem que arquivos sejam salvos em softwares virtuais que possibilitam o acesso de onde a pessoa estiver, por meio de variados dispositivos contanto que tenha acesso à internet.

Assim, com o surgimento do registro das informações, necessitou-se também de formas para armazená-las. Com a necessidade natural da organização e procura da informação surgiram as primeiras bibliotecas. O termo biblioteca tem origem grega nas palavras *biblíon* (livro) e *teke* (caixa, depósito), como afirma Morigi (2005).

No entanto, atualmente, com os avanços tecnológicos, os conceitos da palavra biblioteca evoluíram podendo o termo biblioteca ser empregado não só aos livros, mas “a qualquer compilação de dados registrados em muitas outras formas e não só em livros. Caso seu acervo esteja em meio eletrônico, digital ou virtual o conceito se amplia e o acesso ao seu acervo e serviços pode ser universal” (SOUZA, 2005, p. 5).

Apesar de nos dias de hoje se buscar o acesso cada vez mais livre às bibliotecas, independentemente de seu tipo de acervo, no princípio, em sua criação não era assim. Na antiguidade, segundo Martins (2002) as bibliotecas não possuíam caráter público e tinham maior preocupação em esconder os livros do que em preservar e disseminar as obras. Tendo até mesmo sua estrutura física o objetivo de impedir a saída do acervo.

A imponente biblioteca de Alexandria, reuniu durante sete séculos o maior acervo de cultura e ciência da antiguidade, como diz Santos (2010). A biblioteca foi

criada em 280 a.C. por Ptolomeu I Sóter (o salvador), o fundador da dinastia Ptolomaica. Santos afirma ainda que

A Biblioteca, na verdade, não era apenas uma, mas duas. A maior e principal foi construída no século III a.C., no interior do Mouseion (ou Templo das Musas). A biblioteca menor, conhecido com a “irmã”, foi criada um século depois, no interior do Templo de Serápis, deus egípcio helenizado e protetor de Alexandria. (SANTOS, 2010, p. 5).

Ainda de acordo com Santos (2010) a biblioteca chegou a abrigar mais de 700.000 obras em seu acervo, que era organizado de forma que os rolos recebiam etiquetas com o título e nome do autor e eram dispostos em pilhas, tendo como seu bibliotecário mais famoso e importante Calímaco de Cirene. A biblioteca sofreu diversos ataques e incêndios que fizeram com que muito do conhecimento que abrigava fosse perdido.

Uma das bibliotecas mais famosas e imponentes da antiguidade como declara Santos (2010), foi a biblioteca de Nínive. Criada pelo Rei Assurbanípal II, tinha seu acervo formado por placas de argila cozida. Souza (2005) aponta que a biblioteca de Nínive é tida como a primeira coleção e catalogada da história, possuindo uma espécie de catálogo onde eram registrados os assuntos e marcas que indicavam sua localização no acervo.

Outra grande biblioteca foi a de Pérgamo, como afirma Santos (2010), fazia parte de um projeto que tinha a intenção de converter Pérgamo em um centro crítico e literário na Ásia Menor, onde era localizada. Foi fundada por Átalo I e conforme Battles (2003) foi a responsável pela invenção do pergaminho que passou a ser o suporte de escrita mais utilizado, devido a sua resistência e possibilidade de reciclagem.

As bibliotecas medievais a princípio, ainda eram como um prolongamento das bibliotecas da antiguidade, como enuncia Santos (2010) visto que tinham como propósito ser as guardiãs dos livros e não disseminadoras de informação. Martins (2002) diz que existiam 3 tipos de bibliotecas na Idade Média: as Monacais, Particulares e Bizantinas e as Universitárias.

As bibliotecas Monacais possuíam livros acorrentados e não eram todos que tinham acesso às mesmas. As bibliotecas Bizantinas poderiam ser consideradas núcleos da civilização helênica, o que era considerado conteúdo profano para os cristãos.

O surgimento das bibliotecas universitárias, aconteceu devido a necessidade da grande demanda, pelos estudantes, de livros com a criação das universidades, como afirma Perez-Jioja (1952 apud SANTOS, 2010, p. 8). A biblioteca da universidade de Paris, iniciou sua coleção a partir da doação dos livros de Robert de Sorbon. Martins (2002) afirma ainda que o surgimento do (a) bibliotecário (a), como organizador (a) da informação de fato aconteceu a partir da difusão das bibliotecas universitárias e que consolidou, conseqüentemente seu papel como disseminador no Renascimento.

Em 1440 com a invenção da prensa tipográfica de Gutemberg, a produção bibliográfica foi revolucionada, possibilitando um número muito maior de informação produzida e disseminada. Os livros foram criados, com maior rapidez, havendo maior disseminação da informação e gerando a necessidade de organização desse material que passou a ser reproduzido em maior escala e a ser acessível a outros setores da sociedade, como explica Milanesi (2002).

A medida que essas bibliotecas foram crescendo e a necessidade de armazenamento da informação aumentando, as bibliotecas foram se desenvolvendo, criando formas de organização de acordo com suas necessidades.

Conforme afirmação de Oliveira, Carvalho e Souza (2009) o primeiro curso de Biblioteconomia surgiu em 1887 pela Columbia University School of Library Service e era denominado de Library Science. Foi criado com o apoio da American Library Association - ALA, que até os dias de hoje é de suma importância para a Biblioteconomia e Ciência da Informação.

Apesar da criação do primeiro curso ter sido em 1887, segundo Fonseca (1979, p. 11) foi publicado, em 1627 o primeiro livro de Biblioteconomia. Escrito por Gabriel Naudé e intitulado *Advis pour une bibliothèque*, a obra se assemelhava a um manual para bibliotecários (as). Foi traduzida para diversas línguas e teve grande influência sobre os (as) intelectuais da época, marcando o início da moderna prática bibliotecária.

Tal dinâmica deixou para trás a Biblioteconomia empírica que trazia o conceito de bibliotecas como espaços públicos e universais. Naudé em seu livro trazia “o espírito do progresso e liberdade de expressão e cultura, serviu de inspiração a Montaigne e Pierre Charron durante a revolução Francesa” (SIQUEIRA, 2010, p. 57).

Em 1732, foi implementada pela primeira vez pela Biblioteca Bodleyana, da Universidade de Oxford, Inglaterra, a noção de obra como modo de reunir

documentos, como revela Ortega (2011), obra que foi sistematizada um século depois por Panizzi, que dizia que o catálogo devia ser observado como um todo para auxiliar usuários (as) no momento da busca de informação.

Ainda segundo Ortega (2011), foi no século XIX que começou a surgir a Biblioteconomia como a conhecemos hoje, devido as contribuições dos primeiros teóricos da catalogação que se apoiaram nas práticas já realizadas a fim de formular os princípios a serem utilizados. Panizzi publicou suas 91 regras de catalogação, denominadas *Rules for the Compilation of the Catalog: Catalogue of Printed Books in British Museum* em 1839, obtendo sua aprovação sobre elas em 1841 pela House of Commons. As regras de Panizzi tiveram grande influência sobre os (as) teóricos (as) seguintes, tendo até hoje relevância considerando que uma das características que defendia era a valorização da folha de rosto, como expõem Santos e Rodrigues (2013).

Segundo Silva et al. (2017) foi idealizada por Jewett a catalogação cooperativa, programa que visava uma padronização na catalogação das bibliotecas participantes. Já em 1876, Charles A. Cutter publicava seu código de catalogação intitulado de *Rules for a dictionary catalog*, que criava um esquema de catalogação a partir da representação de sobrenomes, além de conter informações e observações diversas.

Já no século XX, foi criada a Classificação Decimal Universal - CDU por Paul Otlet e Henry La Fontaine, considerado um dos sistemas de classificação mais completo e um dos mais utilizados até hoje. E que segundo Fonseca (1979), veio para corrigir, atualizar e completar a CDD - Classificação Decimal de Dewey, desenvolvido por Melvil Dewey em 1876. A CDU e a CDD estão entre os sistemas de classificação mais utilizados em bibliotecas, sendo aqui no Brasil a CDD utilizada pela Biblioteca Nacional e a CDU estando presente em muitas universidades federais brasileiras.

Em 1931, eram publicadas pelo bibliotecário indiano Shiyali Ramamrita Ranganathan as 5 leis da Biblioteconomia (RANGANATHAN, 2009), sendo estas:

- Os livros são para usar;
- A cada leitor seu livro;
- A cada livro seu leitor;
- Poupe o tempo do leitor;
- A biblioteca é um organismo em crescimento.

Essas leis colocavam o (a) usuário (a) como o foco central da biblioteca e são tidas como parâmetro e utilizadas até hoje. Acontece em 1961 na França, segundo Silva. et al. (2017, p. 8) a Conferência Internacional sobre Princípios de Catalogação, que teve como resultado a publicação do Código de Catalogação Anglo-Americano (AACR), em 1967, sendo publicada a versão traduzida no Brasil em 1969.

3.1 A BIBLIOTECONOMIA NO BRASIL

O começo da Biblioteconomia no Brasil, se deu através do curso oferecido na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, por meio do decreto 8.835 de 11 de julho de 1911. Entretanto, como afirmam Oliveira, Carvalho e Souza (2009, p. 14), nesse princípio o curso tinha como intuito apenas qualificar os (as) profissionais que ali trabalhavam para atender as exigências da instituição.

Entretanto, o curso só começou a funcionar regularmente em 1915, sendo o primeiro curso de Biblioteconomia da América Latina, como assegura Fonseca (1971, p. 32). O curso da Biblioteca Nacional seguia os moldes da *École Nationale de Chartes*, na França. Tinha a duração de um ano e possuía quatro disciplinas, relacionadas aos próprios setores da Biblioteca Nacional, sendo estas: Bibliografia, Paleografia e Diplomática, Iconografia e Numismática.

Já naquela época era possível notar a necessidade do (a) bibliotecário (a) como um (a) profissional multidisciplinar. Pois, como podemos observar na afirmação de Oliveira, Carvalho e Souza (2009, p. 15) para se tornar bibliotecário (a) “o candidato deveria preencher a condição inicial de ter conhecimento amplo, humanístico, sobre o campo das Artes, Humanidades, Línguas e Ciências. ”

Foi em 1929, no instituto Mackenzie em São Paulo, a fundação do segundo curso de Biblioteconomia no Brasil. Mueller (1985, p. 4), diz que com a chegada da bibliotecária Dorothy Muriel Geddes, que veio para o país com a missão de organizar a biblioteca da instituição e de preparar Adelpha Rodrigues de Figueiredo, bibliotecária do Instituto para a especialização na Universidade de Columbia, se deu início a Biblioteconomia com inspiração no modelo americano. O currículo era baseado em disciplinas mais técnicas como catalogação, classificação, referência e organização.

O curso teve duração até o ano de 1935 quando foi encerrado, cedendo lugar ao curso criado pela prefeitura de São Paulo, por meio da Secretaria de Cultura e teve como diretores Rubens Borba de Moraes e Adelpha Figueiredo, conforme afirmam

Oliveira, Carvalho e Souza (2009, p. 17). O curso seguia o método do anterior, baseado na escola americana e viria, como declara Russo (1966, p. 16) a “treinar muitas gerações de bibliotecários e provar quanto é benéfico um acervo organizado a serviço da coletividade” até 1939, quando foi fechado. Sendo reaberto pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo no ano seguinte.

De acordo com Mueller (1985), em 1944 a Biblioteca Nacional passou por reformas em sua estrutura e também o curso sofreu reformulações, sendo dividido de duas formas:

- a) Curso fundamental - voltado para técnicas e auxiliares de biblioteca.
- b) Curso superior - Com a intenção de formar bibliotecários (as) para atuarem como profissionais tanto em questões técnicas como para a administração e coordenação de bibliotecas.

Podemos ver assim, como passaram a ser realizadas as divisões das tarefas de trabalho e as atribuições dadas aos bibliotecários (as). Constatamos também a continuidade na utilização da visão americana da Biblioteconomia com as disciplinas técnicas fazendo parte das grades dos dois cursos.

É na década de 50, como afirma Mueller (1985, p. 5) que começa “a expansão dos cursos de Biblioteconomia, em termos de números de cursos no País, e a luta dos bibliotecários (as) para firmarem-se como grupo profissional de nível superior.” É também na década de 50, de acordo com Lindemann, Spudeit e Corrêa (1966) que começa a ser discutida a responsabilidade social do (a) bibliotecário (a).

Em 1962, com a necessidade de padronização do curso, visando sua melhoria foi aprovado pelo Conselho Federal de Educação o primeiro currículo mínimo do curso de Biblioteconomia. Contudo, o curso continuava muito voltado para a técnica, como afirma Lemos (1973, p. 56) “o extremo pragmatismo do ensino da Biblioteconomia precisa ser superado, mas não será admissível que ao superá-lo venhamos a incorrer no extremo oposto de uma abstração alienada do processo social”

Nesse momento a transformação da visão da área como uma ciência, ocasionada principalmente pela criação dos cursos de pós-graduação, fez afluir novas perspectivas e discussões no campo. Dessa forma, as propostas curriculares elaboradas por diversos professores, resultaram, em 1982, na aprovação de um novo currículo multidisciplinar, publicado pelo Conselho Federal de Educação, na resolução nº 08/82 que “Fixa os mínimos de conteúdo e duração do curso de Biblioteconomia”. (OLIVEIRA, CARVALHO E SOUZA, 2009, p. 19).

Ainda de acordo com Oliveira, Carvalho e Souza (2009, p. 20), em 2001 são aprovadas novas diretrizes curriculares nacionais, destinados a oferecer conhecimentos específicos e gerais para a formação de profissionais da Biblioteconomia.

Atualmente, existem cursos de Biblioteconomia por todo o país, que oferecem em seu currículo a junção das disciplinas mais técnicas, para análise e indexação correta da informação, de acordo com as normas específicas que facilitem sua recuperação, bem como, disciplinas voltadas para o lado cultural. Ainda há uma deficiência de disciplinas voltadas para questões sociais, o que é algo a ser repensado nos projetos pedagógicos de cursos.

As primeiras bibliotecas brasileiras foram nas escolas já que estas precisavam de material bibliográfico para seu ensino. Fonseca (1979) afirma que as cartas dos primeiros jesuítas à Portugal eram com pedidos de livros para o ensino. Assim, com a chegada dos livros se viu a necessidade da organização de uma biblioteca, sendo os jesuítas os primeiros bibliotecários no Brasil. O primeiro catálogo brasileiro para bibliotecas, criado por Antônio da Costa pertencente a Companhia de Jesus, foi utilizado para organizar a biblioteca do Colégio da Bahia. Foi na Bahia também, criada a primeira biblioteca pública, em 04 de agosto de 1811.

As mulheres tiveram sua entrada no curso de Biblioteconomia no Brasil, no fim da década de XX, sendo, segundo afirmação de Ferreira (2003), Adelpha Figueiredo uma das precursoras a iniciar os estudos de Biblioteconomia, tendo como sua instrutora Dorothy Murriel Gropp. Com o tempo ocorreu uma feminização da função, que no início era considerada uma profissão para moças de boa família, como afirma Martucci (1996).

Era a profissão considerada ideal para as moças que terminaram o curso secundário e precisavam de um emprego. Sendo Ferreira (2003), considerado o curso “espera marido”, devido a curta duração e porque este não as atrapalharia quando se casassem e tivessem que cuidar da família, além da maior facilidade para entrar no mercado de trabalho. Este sendo mais um aspecto que evidencia padrões dominantes de gênero, com a naturalização de comportamentos de mulheres, e homens, com prejuízos as mulheres, discriminadas em diversas instâncias sociais. A suposta “delicadeza feminina”, seria necessária para a profissão, com a crença de que as

mulheres teriam uma personalidade passiva, submissa e dependente das regras da instituição.

Forrest (2014) lembra ainda que a biblioteconomia se insere na categoria das profissões associadas ao cuidado com a sociedade. Nóvoa (1991) enuncia que a desvalorização ocorrida na profissão é devido ao fato de ser considerada uma profissão feminina, e com isso, sua necessidade salarial era tida apenas como um complemento para a renda familiar.

Faz parte da visão estereotipada que a profissão seja associada a uma mulher, geralmente idosa e com comportamento antipático que pede silêncio e que tem como única função repor livros em estantes, como destacado por Forrest (2014). Essa visão contribui para o baixo status social da profissão, associando o desenvolvimento da profissão como extensão do trabalho doméstico executado pelas mulheres, por ser Conforme Ferreira (2003, p. 197), esta desvalorização “é reconhecida como aspecto estrutural de segregação ocupacional da mulher”.

“A construção de uma nova identidade para a Biblioteconomia e para os (as) bibliotecários (as), portanto, está na busca do reequilíbrio entre as origens da profissão e sua ação política” (FERREIRA, 2003, p. 198). Com esta afirmação, deve-se buscar a conscientização para a luta pela valorização da profissão, cada vez mais necessária com o fluxo de informação sendo corrente por meio de variados suportes, que se modificam e atualizam de acordo com as novas mudanças tecnológicas.

4 REPRESENTAÇÃO E RECUPERAÇÃO DA INFORMAÇÃO

Shera (1977), afirma que além das necessidades básicas como ar, água, alimentação e abrigo, a informação seria a quinta necessidade básica para sobrevivência física humana. Segundo o autor, o cérebro humano necessita de novos estímulos externos, para que haja uma adequação do funcionamento do sistema nervoso e que sem esses estímulos, o cérebro não terá um perfeito raciocínio.

A informação é algo indispensável para a vida em sociedade e está em todos os lugares, não se vive sem a informação nos dias de hoje. O que se questiona é quando essa informação é relevante ou dispensável, e para quem. Dessa forma, vemos a ação do (a) profissional da informação, que nas unidades de informação, tem o cuidado de organizá-la e representá-la de acordo com a necessidade de seus usuários (as).

A representação da informação, se refere ao ato de interpretar e descrever o que ela reproduz. Conforme Mora (1996, p. 629) filosoficamente, a representação refere-se aos “[...] diversos tipos de apreensão intencional de um objeto”.

A representação da informação é definida por Brascher e Café (2008, p. 5), como “um conjunto de elementos descritivos que representam os atributos de um objeto informacional específico”. Essa representação pode descrever o objeto informacional desde seu suporte até seu conteúdo. É realizada a partir de regras específicas como os códigos de catalogação.

A representação temática dos documentos, segundo Lancaster (2004), se dá pela indexação de assuntos unida à redação de resumos, pois estas atividades, que se tornam cada vez mais difusas, implicariam na representação. Para ele, a partir destas atividades um item pode ser localizado e recuperado posteriormente, durante uma busca onde, quanto mais informações são apresentadas, mais fácil pode se tornar encontrar resultados satisfatórios.

Guimarães e Pinho (2008) atentam para a ética profissional ao representar uma informação, segundo eles as classificações utilizadas para representar o conhecimento, são políticas, pois expressam a visão particular de seus idealizadores (as), e com isso o (a) profissional deve tomar cuidado para não realizar uma representação tendenciosa e preconceituosa.

Os autores afirmam ainda que essa não é uma atividade apenas com caráter técnico, mas uma atividade intelectual que deve ser realizada pelo (a) profissional de

maneira crítica e consciente de todos os ângulos históricos e sociais que abarcam determinada informação.

Kobashi (2007) explica que a informação possui variadas disposições de significação, o que motiva o permanente cuidado sobre os métodos de elaborar linguagens apropriadas para os diferentes contextos de acordo com o público que poderá utilizá-la. Isso significa que, o tratamento de determinada informação deve ser feito de acordo com o local em qual está inserida, representando a necessidade dos (as) usuários (as).

Segundo Le Coadic (1996), a informação é um conhecimento que contenha alguma forma de sentido, é um signo que pode ser transmitido através de forma gravada seja sobre a forma escrita, oral ou audiovisual e que tem como objetivo a apreensão de sentidos, de forma que leve ao conhecimento. Para Sales (2016) informação é o conjunto de dados inscritos em um suporte e que possuem significado e possam causar compreensão.

Já Barreto (1994, p. 1) coloca que a informação compreendida de forma correta, altera o conhecimento já adquirido pelo indivíduo e faz parte do processo de seu desenvolvimento. Conforme sua enunciação a informação é utilizada como o meio para conhecimento, pois quanto mais o indivíduo se informa sobre determinado assunto, mais terá o conhecimento sobre ele, podendo agregá-lo a vida e na sociedade em que vive.

A informação só tem algum significado quando é possível discuti-la e modificá-la de forma a gerar outra informação. Para Marteleto (2009) a informação deve estar ligada ao conceito operacional do “terceiro conhecimento”.

A ideia de “terceiro conhecimento” está relacionada à ação social dos sujeitos e está ligada, de um lado, aos meios de produção, apropriação e disseminação de informações e, de outro, aos usos, que compõem sua faceta mais indeterminada e instável e que, portanto, abrem brechas para novas mediações, sentidos e realidades. (MARTELETO, 2009, p. 19).

A autora destaca a importância da utilização da informação e do conhecimento para promover ações que coloquem a ciência em diálogo com a sociedade.

Para que a recuperação da informação seja possível, é necessário, como foi visto que haja uma boa representação da mesma, descrevendo do que se trata para que quando procurada, seja encontrada. Saracevic (1992) diz que a recuperação da

informação é um processo profundamente interativo que interliga as bases de dados ao conhecimento.

A informação pode estar contida em diferentes suportes e ser acessada de diferentes formas. Nos dias de hoje, muitas bibliotecas além do suporte impresso, disponibilizado por meio dos livros e revistas, também possuem um acervo em multimeios, sejam filmes, músicas, documentários, disponibilizados em suportes como CDs, DVDs e fitas que também devem receber o tratamento e organização adequados pelo (a) bibliotecário (a) para que sejam disponibilizados. Existem ainda, bibliotecas especializadas constituídas apenas com esses suportes.

Vergueiro (1989) afirma que:

Chegou o tempo de a biblioteca abrir-se a todas as fontes de informação, e o bibliotecário tornar-se a ponte entre o acervo sobre o qual tem a responsabilidade e um usuário cuja exigência cresce exponencialmente. Mais ainda, ponte entre este usuário e o universo de fontes de informação, estejam elas onde estiverem, entre os quais a coleção da biblioteca é apenas uma parcela. (VERGUEIRO, 1989, p. 13)

Com isso pode ser entendido que, o (a) profissional bibliotecário (a) deve se manter atualizado quanto aos suportes informacionais e suas fontes, procurando informações sobre novas tecnologias que propiciem a disseminação da informação. Importante buscar formas que podem auxiliar a sanar as necessidades dos (as) usuário (as) que buscam algo que não está em um suporte como um livro, e ainda de que formas essa informação pode ser representada, permitindo assim que seja encontrada durante uma busca.

Uma dessas fontes de informação pode ser a música, que possui características diferentes no momento de sua representação dependendo de seu suporte e ainda de quem a procura, podendo receber um tratamento diferente em uma biblioteca pública do que em uma biblioteca especializada com essa temática.

4.1 RECUPERAÇÃO DA INFORMAÇÃO MUSICAL

A primeira vez que a representação e recuperação da música surgem como um objeto de estudo da Ciência da Informação, segundo Santini e Souza (2007) foi em 1996 em um estudo do *Annual Review of Information Science and Technology* e

intitulado *Music as information*. O que pode ser considerado recente já que a música está presente na vida da humanidade desde os primórdios, sendo utilizada como forma de comunicação e cultura.

Para Hummes (2004, p. 19) “a música é claramente indispensável para uma promulgação apropriada das atividades que constituem uma sociedade”, por estar presente em diversos lugares e de formas tão variadas na vida das pessoas, sendo muitas vezes a propulsora da informação. A obra musical possui diversas possibilidades de forma documentária, porém, independente disso tem como propósito transmitir a concepção intelectual de uma pessoa a outra, como é colocado por Santini e Souza (2007).

Não diferente dos outros tipos de suporte, a representação da informação musical, também se dará de acordo com a necessidade dos (as) usuários (as), tendo sua representação sendo feita de acordo com o conhecimento prévio do (a) usuário (a), o que pode levar a uma representação mais precisa e técnica ou de forma mais geral, por exemplo. Deve-se levar em consideração que, mesmo na informação musical, quanto mais informações expressadas pela representação, maiores serão as chances de se recuperar a informação desejada.

Santini e Souza (2007, p. 4) afirmam que “a natureza dos documentos musicais passíveis de pesquisa depende, obviamente, da natureza da informação buscada, e para isso será útil esclarecer as razões de cada pesquisa”. Ou seja, é pertinente que na entrevista de referência, o (a) profissional bibliotecário (a) saiba por qual motivo o (a) usuário (a) busca tal música. Se por alguma pesquisa específica ou se por lazer por exemplo. Além disso, explicam que dependendo de quem faz a busca, pode haver necessidades diferentes de identificação e linguagem fazendo com que, por vezes a informação bibliográfica isolada, seja insuficiente para identificar uma obra no campo da música.

A música pode possuir diferentes suportes e estar configurada de diferentes formas, seja uma partitura, sejam as letras em forma escrita ou a música propriamente em sua forma sonora. Alguns pontos de sua descrição podem ser os mesmos, como o da autoria pela composição por exemplo, porém outros podem mudar dependendo das circunstâncias, como quem estará interpretando, quando se trata da música sonora. Além de informações como melodia e estilo musical que também podem sofrer alterações dependendo de qual artista está interpretando.

Atualmente, com o acesso mais fácil à internet, surgem diversas formas de se buscar a música, não estando está mais limitada apenas a suportes físicos como o CD. A música em sua forma digital, disponibilizada na rede consegue cada vez mais, alcançar um maior número de pessoas. Um (a) artista que está em seu começo de carreira e estaria, pelo menos a princípio, fadado (a) a conseguir mostrar sua música apenas em sua cidade por exemplo, hoje pode disponibilizar a mesma música em serviços de *streaming* como o *Spotify* ou *Deezer*, e até mesmo postar um vídeo no Youtube, fazendo assim com que esteja disponibilizado não só para o resto do país como para qualquer parte do mundo.

Porém, nesses tipos de sistemas, a descrição para representação da informação é realizada de forma mais geral, e dando mais visibilidade a artistas já com maior número de acessos, deixando visível a necessidade de uma classificação de forma mais neutra que facilite o processo de recuperação. Santini e Souza (2007) explicam que o desafio da representação da informação musical é por ela ser multi-representacional, tornando difícil o desenvolvimento de técnicas de recuperação devido as diversas possibilidades de descrição.

Segundo Santini e Souza (2007), podem ser consideradas três visões sobre a representação musical, que seriam úteis no momento da recuperação e poderiam abranger os diversos aspectos da música. Essas visões são demonstradas a partir das perspectivas da visão subjetiva que se utiliza do esquema de notação para representar a obra musical, da visão objetiva que poderia ser representada através do som gravado, e da visão interpretativa que seria a análise dos aspectos da obra, levando em consideração as interpretações não tão óbvias como o gênero musical, já que a mesma música pode se encaixar em mais de um.

5 MÚSICA, SOCIEDADE E INFORMAÇÃO

A música pode ser definida, segundo Blacking (2007, p. 1) como “um sistema modelar primário do pensamento humano e uma parte da infraestrutura da vida humana.” Para o autor, a música é um produto da ação humana que pode levar a resultados significativos para a ação social, entretanto, o autor atenta que se deve levar em conta qual o sentido que determinado grupo vai produzir em cada música.

Segundo Pinto (2003, p. 223) a música é a “manifestação de crenças, de identidades, é universal quanto à sua existência e importância em qualquer que seja a sociedade.” A música é cultural e é natural ouvi-la em seus diferentes gêneros e em variados contextos da vida. Expressa sentimentos tanto por quem compôs ou interpreta como por quem ouve.

Para Castro e Oliveira (2016) a música é uma personificação cultural que está desde sempre introduzida na vida dos seres humanos, sendo uma forma de informar sobre acontecimentos e situações e de representá-los de forma artística.

Apesar de não ser possível definir um período exato para o surgimento da música, sabe-se que ela está entre nós desde o início da humanidade, como afirma Andrade (1987) ao dizer que os elementos como o som e o ritmo estão presentes no ser humano a partir de elementos como as batidas do coração e o ato de respirar que representam o ritmo e a voz que reproduzem o som.

A história da música moderna pode ser dividida em diversos períodos que são identificados de acordo com determinados estilos e características. Ocorre em períodos espaçados de tempo, sendo decorrente de um processo gradual. Com isso podem surgir divergências sobre datas corretas, é o que explica Bennet (2007). Para o autor, a história da música se divide em:

- a) música medieval: datada do período que vai até 1400, pode ser considerada, na música ocidental, a música mais antiga que conhecemos. Possui apenas uma única melodia e textura, sendo denominada monofônica. Conta com ritmos irregulares e livres que seguem as acentuações das palavras e segue o ritmo natural da língua latina;
- b) música renascentista: compreende o período entre 1450 e 1600 e se destaca pelo interesse à cultura. Tem influência do período onde a humanidade fazia explorações e descobertas e se notavam avanços na ciência e astronomia, que desenvolviam uma percepção do mundo ao seu redor;

- c) música barroca: o termo “barroco” a princípio era utilizada para o estilo de arte e arquitetura, entretanto, passa a ser também utilizado pelos (as) músicos (as) para definir o período que surge com o nascimento da ópera;
- d) música clássica: seu surgimento começa ainda no fim do período barroco e envolve um período curto de tempo entre 1750 e 1810, apesar de seu fim ser sugerido apenas em 1827, com a morte de Beethoven. Possui a princípio um estilo amável e cortês, que se desenvolve alcançando proporção e equilíbrio com o domínio da linguagem;
- e) romantismo do século XIX: o termo utilizado para descrever as novas ideias na pintura e na literatura do final do século XVIII, foi adotada pelos (as) músicos (as) após a virada do século para descrever as mudanças musicais. As harmonias passam a ser mais ricas com a utilização de dissonâncias que introduzem novos sentidos. Neste período, era buscada a liberdade e leveza para a criação da música, buscando exteriorizar de maneira acentuada as emoções de quem compunha;
- f) música do século XX: Diferente dos períodos anteriores, onde um único estilo era comum, no século XX a música passa a estampar diferentes gêneros. Pode ser considerado um dos períodos mais empolgantes da história da música devido a sua complexidade de experiências e tendências que levam a criação de novos sons. É estabelecida por alguns críticos como “anti-romântica” por sua técnica. Entretanto, segundo o autor, algumas das definições de uma música do século XX são quatro dos mais importantes componentes da música: a melodia com grandes diferenças de altura, a harmonia com dissonâncias radicais, ritmos rigorosos, dinâmicos e a preocupação com o timbre.

Uma outra forma de divisão da história da música, proposta por Walter Wiora (S.d.) e é explicada por Moraes (1983). O musicólogo dividiu a história da música em quatro etapas, sendo elas: a pré-história, onde estaria não só a música primitiva como a música arcaica popular de civilizações evoluídas; a música das altas culturas antigas, como a sumeriana, a egípcia e a romana; a arte musical ocidental na idade média, caracterizada pela sua harmonia e suas sinfonias; e a idade da técnica e da indústria marcada pela publicidade mundial e que reúne características de civilizações precedentes, sendo como um museu universal e que abarca todos os países do mundo.

Com a possibilidade das gravações, a música passa aos poucos a estar presente em quase todos os lugares em nossa sociedade. Não existe uma dificuldade como a princípio, de ter que ir a um concerto ou show caso se queira escutar determinado artista e nem mesmo, a dificuldade, um pouco mais atual de comprar um CD por exemplo, que muitas vezes era inviável devido ao preço.

Hoje em dia, existem diversas formas gratuitas de se ouvir qualquer coisa a um clique de distância para qualquer pessoa com acesso à internet, através de serviços como Spotify ou Youtube. No youtube é possível além de ouvir a música assistir um videoclipe relacionado a ela. Frisa-se que devido as desigualdades sociais no país, nem todas as pessoas possuem acesso a internet. Gomes (2018)¹ diz que conforme pesquisa realizada em 2016, cerca de 64,7% da população acima de 10 anos tem acesso a internet, o que pode ser considerado um índice baixo já que aproximadamente 63,3 milhões de brasileiros(as) ainda não possuem acesso a internet, segundo eles devido aos valores elevados. A pesquisa mostra também que o celular ainda é o aparelho mais utilizada para o acesso a internet, contabilizando cerca de 94,6% dos internautas.

No Brasil, além da própria música indígena surgiram influências principalmente africanas e europeias com a colonização, é o que explana Mariz (2000) colocando ainda que, se obteve influência negra principalmente de forma rítmica.

Apesar da produção de música no Brasil, no período entre 1500 e 1760, não ter nenhuma indicação de autoria registrada, como destacado por Dreyfus et al. (2005), sabe-se que os primeiros gêneros musicais a despertar no país foram a modinha e o lundu, tendo como influência as músicas portuguesa e negra, respectivamente. Levou-se o desenvolvimento de novos estilos que formam as nuances da música popular, onde diferentes estilos e temas são abordados.

A canção popular no país procedeu desde sempre influenciando na forma de agente transformadora das práticas e costumes culturais, de forma a perceber diversos aspectos da história do país a partir da música, como explicam Masseno e Barros (2011).

Desde o nascimento do samba, tido como um dos estilos musicais que mais representa o povo brasileiro e que se originou no Rio de Janeiro, a partir das rodas de samba organizadas pelas colônias de baianos que ali viviam como forma de cultivar

¹ Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/brasil-tem-116-milhoes-de-pessoas-conectadas-a-internet-diz-ibge.ghtml>

tradições, até a atualidade, com a vasta proliferação musical, pode-se notar a representação da cultura do meio onde está inserida determinada música.

5.1 INFORMACAO MUSICAL

A música pode ser considerada um elo que faz a ligação de indivíduos de uma sociedade já que contem representações da cultura, é o que afirmam Aquino e Silva Júnior (2012), estando dessa forma, ligada a fatores econômicos e sociais pois retrata não só a individualidade de quem a compôs, mas todos (as) que com ela se identificam.

Os autores, definem informação musical como “as informações veiculadas na própria música e as informações acerca das músicas” (AQUINO; SILVA JÚNIOR, 2012, p. 251.). Podendo citar o nascimento do movimento punk, que de acordo com Castro, Castro e Oliveira (2015), surgiu através de jovens, como uma forma de protesto às condições em que viviam e que expressavam sua revolta e protesto por meio das músicas.

Assim, podemos entender que a informação musical pode ser utilizada para disseminação de saberes de uma determinada cultura ou determinado tema. Sendo como uma forma inicial de chamar a atenção para o assunto, ou até mesmo a forma de se chegar a um conhecimento sobre algo.

Barros (2006, p. 18) diz que “a música, bem como todos os elementos culturais, tem seu princípio nas relações sociais”, sendo construída de acordo com a sociedade que a cerca, ou seja, nos comportamentos e pensamentos humanos, não sendo possível desassociar as perspectivas culturais e sonoras da música, pois, a não ser teoricamente, um desses aspectos sem o outro, estará incompleto.

A autora afirma ainda que a música tem o poder de modificar e ampliar conhecimentos e sentidos, gerando uma comunicação entre grupos, que podem ouvir e conversar sobre uma música e discutir seus significados, portanto, pode ser definida como informação. Esta que pode ser utilizada, segundo Castro e Oliveira (2016) em formas de aprendizagem e ensino, tal qual livros são usados.

Bornheim (2001, p. 138) afirma que “ouvir música pressupõe um comportamento cultural”. Pode-se entender isso a partir da ideia de que a música, apesar das diversas significações e complexidades que pode ter possui uma linguagem instintiva e acessível como explica Paz (2011). Desta maneira a

interpretação dos signos musicais pode ser de diferentes formas, pois está ligada a vivência de cada pessoa, experiências diferentes podem trazer reações e significações diversas para a mesma música.

Cultura é definida por Taylor (1871, p. 1 apud BLACKING, 2007, p. 204) como sendo “todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costume e outras tantas capacidades e hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade”.

Nós podemos encontrar música em praticamente todos os lugares, seja no mercado, seja a trilha sonora de um filme, a música ambiente que toca no elevador, um carro que passa na rua, resultam numa infinidade de músicas que ouvimos o tempo todo, vinda de gostos particulares de diferentes pessoas.

Além de que, para uma diversidade de situações diferentes como estudar, arrumar a casa, dançar, ou até mesmo como formas de terapia. A literatura, hoje em dia está completamente ligada à música de forma que os (as) próprios (as) autores (as) de livros, ou suas editoras responsáveis criam playlists as quais sugerem que sejam ouvidas enquanto se lê. E até mesmo, em alguns casos sendo as próprias músicas citadas nos livros como ouvidas por algum personagem. Filmes e séries, fazendo frequentemente a mesma coisa, colocando suas *playlists* em serviços de streaming como o *Spotify* e divulgando-as para serem ouvidas por fãs.

A música tem o poder de mexer com sentimentos e com a compreensão, auxiliando a relaxar, animar, emocionar e conscientizar. Como pode ser o caso da música de protesto, que tem intenção de fazer denúncias de situações da sociedade a partir de suas letras, levando assim determinada informação a um maior número de pessoas.

A informação por meio da música pode se tornar mais acessível seja para pessoas que tem maior dificuldade de acesso a informação que, ao ouvir aquela música passa a ter noção de determinado acontecimento. Além da música poder tornar mais fácil a lembrança e entendimento, é o que destacam Hipólito e Silva (2013) ao dizer que o arquivo da memória humana fixa melhor através da música devido aos seus sons e tonalidades que recebem maior atenção da memória para seu arquivamento.

A autora explica ainda que a memória é seletiva e registra apenas o mais relevante, é preciso um fator dominante e a música pode ser esse fator, devido suas

características particulares do som fazendo com que o cérebro de forma inconsciente guarde aquela informação.

A música pode ser, além de uma forma de informação, um modo de registrar a memória de um povo, mantendo a história viva em canções como uma maneira de manter sua identidade viva, é o que afirma Silva Júnior (2010).

É da natureza humana o ato de expressar sua cultura e registrá-la de diversas maneiras, sendo a música uma delas, é o que afirmam Klöppel, Souza e Spudeit (2013). Independente de estilo ou gênero, a música representa o contexto de sua época e de quem a compõe, mostrando o comportamento humano, seus valores e crenças.

Conforme Paz (2011) as formas de ação da música propõem uma escuta mais ampla e contemporânea que se preocupa com a expressão de diferentes culturas da vida em sociedade como a política por exemplo, quando mostra um posicionamento diante de acontecimentos e realidades dentro da sociedade na qual está, como é o caso de músicas com conteúdo feminista que buscam por meio de suas letras levar o apoio e a informação às mulheres.

Em seu trabalho Silva et al. (2016) expressam como a música é uma importante forma de comunicação e cultura e de como seu uso é indispensável também nas religiões, especificamente nas religiões de matriz africana onde além de servir como forma de manter e disseminar os ensinamentos sagrados, age como uma forma de comunicação entre quem escuta, quem canta e o ser sagrado.

As narrativas musicais têm, conforme afirmação de Morigi e Bonotto (2004), o poder de mobilizar sentidos, intensificando e reacomodando significados já estabelecidos, sendo uma fonte de informação que faz parte da vida em sociedade. Possibilita o esclarecimento de sentidos e ideologias dentro das relações e pode criar novos caminhos e entendimentos.

Sales e Sartori (2016) discorrem sobre a relevância da música como informação e de sua importância como elemento cultural, visto que frequentemente mostra contextos geográficos, sociais e políticos do ambiente em que foi criada. Afirma que a presença da música nas escolas promove o contato dos (as) alunos (as) com as expressões culturais, viabilizando o desenvolvimento da sensibilidade e criatividade.

Aquino, Silva Júnior e Silva (2014) constatam em sua pesquisa que a informação musical, pode possibilitar a construção de identidades, como a

afrodescendente, restaurando a autoestima e contribuindo para a luta contra o racismo e disseminando o princípio de igualdade e responsabilidade social.

5.2 A MÚSICA NO PROCESSO DE EMPODERAMENTO

O conceito de empoderamento surgiu, conforme Sardenberg (2012), sendo empregado por movimentos feministas e por outros movimentos de base antes de se tornar objeto de teorização, utilizado em pesquisas na academia. Com as características acadêmicas o termo passou a ser utilizado para as perspectivas femininas sobre poder, entretanto, em outro viés passou também a ser utilizado em discursos de desenvolvimento, perdendo algumas de suas significações.

Atualmente vemos o termo empoderamento sendo utilizado de diversas formas e pelas mais variadas entidades, sejam públicas ou privadas, o que faz com que a expressão passe a ter um maior alcance e chegue aos ouvidos dos mais variados grupos de pessoas. Isso pode ter efeitos positivos e negativos. Positivo pelo fato de que a informação, passa a ter um maior alcance, chegando a grupos de grupos subalternizados que precisam dela e podem passar a construir seu empoderamento com isso. Mas por outro lado, também deve-se ter cuidado para que não seja usada indiscriminadamente de forma que perca seu sentido de transformação social.

Cortez e Souza (2008) colocam que o empoderamento resulta na compreensão das limitações sociais que a pessoa está submetida e na necessidade de que essa situação se modifique, tanto em um contexto público, que seria o mercado de trabalho, educação, como pessoal com o aumento da autoestima e da autonomia.

Sardenberg (2012) define que o empoderamento utilizado no movimento feminista, é o processo da conquista da autonomia. É o processo envolvido que a mulher reconhece as amarras impostas para si pela sociedade patriarcal e com isso passa a se libertar, se empoderar. A autora explica que o maior objetivo do empoderamento é “destruir a ordem patriarcal vigente nas sociedades contemporâneas, além de assumirmos maior controle sobre “nossos corpos, nossas vidas”.” (SARDENBERG, 2012, p. 2).

Dessa forma, tende-se a atingir não apenas uma pessoa, mas o coletivo. Por exemplo, uma mulher que se torna empoderada, devido ao conhecimento que adquiriu sobre a sua situação na sociedade e seus direitos, passa a não mais aceitar determinadas situações, bem como pode passar a auxiliar outras mulheres a perceber

situações de desigualdade também. Pois a partir do momento que se tem consciência da desigualdade pode-se criar estratégias de ação que apoiem a outras pessoas daquele mesmo grupo.

Tal fato provoca uma luta pelos direitos que lhe eram negados, pelo direito de falar de si e por si. Esses grupos de mulheres, assim como outros historicamente marginalizados pelos grupos dominantes, passam a se empoderar e se auto representar nas pautas por igualdade.

Entretanto, ninguém empodera ninguém, é o que afirma Sardenberg (2012, p. 3) ao explicar que o empoderamento é uma prática autorreflexiva. Uma mulher empodera a si própria, em detrimento dos conhecimentos que adquire, o que pode ser facilitado por outra mulher criando um processo para auxiliar que ela se conheça e conheça as condições que a colocam em situação de desigualdade.

Em nossa sociedade, as mulheres estão em situação de desigualdade com relação aos homens em virtude das construções dominantes de gênero (LOURO, 2008). Isso pode ser visto no mercado de trabalho, onde a mulher tende a receber menos, mesmo estando em cargos e tendo uma escolaridade igual, ou maior que a do homem. Serpa (2010) explana que na indústria, muitas vezes, ocupam funções de menor relevância e menos chance de crescimento.

Ainda há o fato de que profissões chamadas de “femininas”, ainda são vistas como inferiores e devido a isso, possuem menor remuneração, pois o salário da mulher, seria como uma maneira de renda complementar e não como a renda principal da família, este que seria do homem, pai e chefe de família como afirmação de Nóvoa (1991).

Além disso, as mulheres ainda são as maiores vítimas de assédio no local de trabalho. Serpa (2010) afirma que as mulheres são alvo de abuso de poder, tendo que passar por situações que vão desde comprovar que não estão grávidas durante uma contratação, até assédio sexual. O que é confirmado também no relatório de pesquisa publicado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública de março de 2017, que aponta que cerca de 13% das mulheres já sofreu assédio sexual em seu local de trabalho como forma de violência nos últimos 12 meses anteriores a pesquisa.

O estudo aponta ainda que o assédio sexual no trabalho traz uma gama de consequências negativas como depressão, ansiedade gerando consequências na vida pessoal e em sua carreira, como demissão. A maioria dos casos a vítima não se

sente encorajada a fazer uma denúncia por estar em uma situação desigual de poder no local de trabalho.

No Brasil a violência contra as mulheres ainda atinge números estonteantes. Segundo Santos e Grelin (2017) dois a cada três brasileiros (as) já presenciou uma mulher sendo agredida física ou verbalmente, porém ainda é grande o número de mulheres que não realizam uma denúncia, seja por medo de represálias, por não ter acesso a estruturas de apoio ou por muitas das agressões serem naturalizadas e consideradas como normais. As autoras afirmam ainda que conforme a pesquisa do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 40% das mulheres declaram ter sido vítimas de assédio sexual.

De acordo com Waiselfisz (2015), no período entre 2003 a 2013 houve uma queda de cerca de 11,9% nas taxas de homicídios de mulheres brancas, mas não há o que se comemorar visto que no mesmo período há um crescimento de 19,5% com relação as mulheres negras. A importância de se trabalhar com marcadores sociais de classe e gênero faz-se necessário para explicitar que o racismo afeta as vítimas e expõe a importância de se pensar políticas para as mulheres negras.

Jurema Werneck, integrante da ONG Criola, em entrevista a Gil Alessi para o El País afirma que “Uma política pública justa e democrática precisa ser destinada a grupos específicos.” Segundo ela, tratar as mulheres como um único grupo, sem considerar suas diferenças, prejudica os grupos marginalizados, enquanto privilegia aqueles que já estão em condição privilegiada. Ela cita ainda a dificuldade para se deslocar até um equipamento de atendimento às vítimas de violência e que a Lei é insuficiente para lidar com as diversas violências que atingem as mulheres negras.

Uma das principais causas dessas formas de violência é a desigualdade de gênero, que faz com que parte da população ainda defenda situações de violência devido ao machismo que legitima o homem como sendo superior a mulher. A igualdade de gênero é um princípio básico para que se aconteça um avanço que acabe com a violência.

Louro (2008) explica que o feminino e o masculino são construções que acontecem ao longo da vida no âmbito da cultura.

A construção dos gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais. (LOURO, 2008, p. 18)

Podemos tomar como exemplo a forma que são educadas as crianças desde pequenas, dando carrinhos aos meninos e estimulando para que brinquem nas ruas, enquanto a menina brinca de casinha, de boneca e é obrigada a ajudar na limpeza, transformando isso num papel feminino natural criando desde a infância uma desigualdade que só tende a aumentar quando se tornam adultos.

Essas diferenças são ensinadas por diferentes instituições sociais desde a infância e perpetuam a desigualdade entre os gêneros, que são reforçadas pelos discursos da sociedade na mídia, nas escolas, como coloca Louro (2008). A mesma autora afirma que essas diferenças se estabelecem por meio de práticas e relações que “instituem gestos, modos de ser e de estar no mundo, formas de falar e de agir, condutas e posturas apropriadas (e, usualmente, diversas). Os gêneros se produzem, portanto, nas e pelas relações de poder” (LOURO, 2003, p. 41).

Gênero, no sentido aqui utilizado, está relacionado de forma direta a história do feminismo contemporâneo, o qual rejeita o determinismo biológico subtendido no uso de termos como sexo ou diferença sexual. No Brasil, o termo passou a ser utilizado, conforme Louro (2003), no fim da década de 80. A autora afirma que gênero refere-se a uma construção social e não algo de natureza puramente biológica.

Alves e Pitanguy (1985) enunciam:

O feminismo abarca muitas lutas, pois as mulheres são muitas. Diferentes entre si, negras, lésbicas, transexuais, queer, gordas, magras, indígenas... todas sofrem com o machismo estrutural, a misoginia e o sexismo, entretanto, para além dos preconceitos e discriminações que sofrem, há algo que as une: o ser mulher. (MÉDICI; CASTRO; MONTEIRO, 2017, p.4)

O movimento feminista de acordo com definição de Teles (1999, p. 10) é um movimento político que questiona as relações de poder, a opressão e a exploração de mulheres. Contrapõe-se radicalmente ao poder patriarcal e propõe uma transformação social, política e ideológica na sociedade.

Conforme Oliveira e Cassab (2014) os primeiros indicativos do movimento feminista acontecem num momento de transformações políticas e econômicas, durante a Revolução Francesa com a publicação do livro “A Vindication of the Rights of Woman” de Mary Wollstonecraft, que reivindicava os direitos políticos, trabalhistas e sociais das mulheres.

Já no século 19, as manifestações contra a discriminação das mulheres ganharam mais força e visibilidade com o movimento sufragista, que teve como intenção estender o direito de voto as mulheres. O movimento começou nos Estados Unidos e estendeu-se a vários países. Conforme afirmação de Alves e Pitanguy (1985) durante seu ápice reuniu cerca de 2 milhões de mulheres e segundo Louro (2008) ficou conhecido posteriormente como a primeira onda do feminismo.

A segunda onda do feminismo, conforme Louro (2008) tem seu início no final da década de 60 e além das questões sociais e políticas passa a se voltar para as construções teóricas.

Mendes, Vaz e Carvalho (2015) atentam que a primeira onda do feminismo brasileiro ocorreu também na luta das mulheres pelo direito ao voto, tendo sido liderado por Bertha Lutz, em 1910. Tal direito só foi estabelecido em 1932 e incorporado à constituição em 1934. Frisa-se que durante esse período teve destaque o movimento das operárias reivindicando direitos trabalhistas.

O movimento feminista contemporâneo brasileiro teve sua expansão, de acordo com Correa (2001), na década de 70 e esteve diretamente articulado com outros movimentos sociais da época. A autora destaca que tal período foi marcado pelos piores anos da ditadura militar, com duras repressões as lutas da esquerda que iam contra o regime. No fim da década de 70 é organizado um grupo de reflexão feminista da Universidade Estadual de Campinas, denominado a Semana da Mulher, que aconteceu mais especificamente nos anos de 1978,1979 e 1980, buscando fomentar as pesquisas com mulheres.

Mendes, Vaz e Carvalho (2015) afirmam ainda que diferentes conferências foram realizadas pelos movimentos feministas para debater e deliberar as questões referentes às mulheres, que teve como uma das suas maiores conquistas a criação do Conselho Nacional da Condição da Mulher (CNDM) em 1984.

Ramos (2017) questiona se seria a terceira ou a quarta onda do feminismo o momento em que estamos vivendo, onde a internet e as redes sociais se tornam ferramentas de luta pela igualdade, principalmente ao ser utilizada para que a informação possa chegar a outras mulheres, mostrando que muitas situações até então naturalizadas, também eram na verdade violências disfarçadas.

O uso das redes e de outras formas de comunicação, podem ser facilitadoras nesse processo de fazer com que a informação chegue mais facilmente a diversificados grupos de mulheres. Côrtes, Alves e Silva (2015, p. 65) afirmam que “o

acesso à informação como imprescindível para promover a equidade de gênero e condição *sine qua non* para o empoderamento individual e coletivo das mulheres.

Os (as) autores (as) apontam ainda para a importância da discussão sobre as relações de gênero na Ciência da Informação e da importância de evidenciar as também as produções feministas em todos os âmbitos de forma a visibilizar experiências ocultas na história. Santo (2008) destacava em seu estudo a importância de se aprofundar as questões envolvidas para que se compreenda e subverta que as mulheres tenham uma produção inferior no âmbito da Ciência da Informação.

Lindemann, Spuideit e Corrêa (2016) chamam a atenção para a responsabilidade social da Biblioteconomia, lembrando que bibliotecários (as) devem atentar para a sociedade e suas necessidades, não apenas em questões de formação de acervo, mas dando subsídios para a mediação da informação. Nesta direção incluímos a importância de discussões como de gênero, raça etnia, orientação sexual por meio da biblioteca e das informações disponibilizadas para a população.

As autoras afirmam que é necessário mediar a informação para que a mesma se torne acessível a toda população, promovendo assim o desenvolvimento de um senso crítico que permita o desempenho dos direitos e cidadania dos indivíduos, visando uma sociedade mais justa e igualitária. Para as mulheres isso poderia ocorrer de forma a promover as discussões de gênero, não só para elas, mas também para os homens, para que eles também tomem conhecimento de atitudes que violam o direito das mulheres.

Isto é, a Biblioteconomia deve ser participativa junto à sociedade possibilitando o acesso à informação para aqueles (as) que tem maior dificuldade de alcançá-la. O (a) bibliotecário (a) pode procurar levar a informação a estes grupos por meio de atividades culturais que ensinam, divertem e informam, de forma a facilitar o acesso ao conhecimento. As músicas, filmes, apresentações teatrais apresentam linguagem acessível de forma a facilitar a compreensão. A música, foco desta pesquisa, pode auxiliar no acesso a informação.

Médici, Castro e Monteiro (2017) afirmam que o empoderamento feminino por meio da música possui um cenário histórico. Por volta da década de 90, grupos de mulheres objetivando fazer sua própria música e cansadas de serem vistas pela indústria fonográfica apenas no papel de fãs, criaram o movimento *riot grrrls*, que tinha como objetivo combater o machismo presente no rock.

Conforme as autoras, a música pode se tornar a ligação para a discussão do feminismo e do fortalecimento das mulheres. Trazendo em suas letras debates do movimento como a sororidade, o empoderamento, a objetificação. A música, desta forma, configura-se como uma forma das desigualdades de gênero serem abordadas e questionadas para mulheres que não tem contato com o feminismo teórico, fazendo com que a informação chegue de forma mais fácil e agradável.

Aquino, Silva Júnior e Silva (2014) afirmam que a música é conteúdo e informação, se converte em tendências comportamentais, estéticas e sociais, que contribuem na construção da identidade. Influenciam na maneira do indivíduo se relacionar com os grupos e a sociedade, a qual faz parte e os valores envolvidos nessa relação.

As fontes de informação contribuem com a pesquisa para a chegada ao conhecimento, permitindo que cada indivíduo busque o suporte de acordo com suas necessidades. Cunha (2001) explana que o conceito de fonte de informação pode ser completamente amplo, incluindo desde suportes bibliográficos escritos, como um livro, até objetos e produtos que sejam aptos a preservar significados, fornecendo subsídios para suprir lacunas informacionais.

Alentejo (2006, p. 72 apud SILVA, 2015, p. 3) conceitua fontes de informação como “modos (canais) e instrumentos que o ser humano desenvolve para sua comunicação. Sendo fonte a origem da informação e o canal, o meio pelo qual a informação é transmitida”.

Mueller (2000) classifica a divisão das fontes de informação em três categorias, sendo elas: primárias, são as que possuem interferência direta do autor, como teses e dissertações, patentes e normas técnicas; as fontes secundárias possuem a informação filtrada e organizada, de acordo com sua finalidade, como dicionários e enciclopédias; e as fontes terciárias são aquelas que servem como uma guia para as fontes primária e secundárias, como catálogos e bibliografias.

Dessa forma, a música se configura como fonte de informação primária, já que possui interferência direta de quem a compôs. E que conforme Castro e Oliveira (2016) é utilizada não só como forma de entretenimento, mas como uma forma de dispor uma representação informacional no contexto social.

As fontes de informação mais acessíveis sobre a natureza da “música” são encontradas, em primeiro lugar, na variedade de sistemas, estilos

ou gêneros musicais que são atualmente realizados no mundo. Segundo, nas gravações históricas de partituras escritas, na iconografia e nas descrições de performances. E, em terceiro lugar, nas diferentes percepções que as pessoas têm da música e da experiência musical, por exemplo, nas diferentes maneiras pelas quais as pessoas produzem sentido dos símbolos “musicais” (BLACKING, 2007, p. 202)

O autor coloca ainda que a música é gerativa, sendo assim, pode produzir sentido em quem a escuta, e auxiliar no processo de construção identitária, seja de forma positiva ou negativa.

6 RESULTADOS - MÚSICA FEITA DE MULHERES PARA MULHERES

Na sociedade patriarcal em que vivemos, a indústria musical também não está isenta de transmitir informações que reiteram desigualdades de gênero. As dificuldades que existem para que um (a) artista tenha sua produção visibilizada e reconhecida, aumentam quando se é mulher. As mulheres, muitas vezes, têm seu trabalho desacreditado sem nem ter a chance de mostrá-lo.

Isso ocorre devido às construções da indústria cultural, que conforme afirmação de Furlan, Oliveira e Maio (2017, p. 18) corrobora para “normatizar e reforçar preconceitos e discriminações presentes na sociedade por meio da cultura que transmite”. Os (as) autores (as) explicam que a indústria cultural “formula produtos a serem adaptados ao consumo das massas e que em grande medida o determinam”.

Quanto mais firmes se tornam as posições da indústria cultural, mais sumariamente ela pode proceder com as necessidades dos consumidores, produzindo-as, dirigindo-as, disciplinando-as e, inclusive suspendendo a diversão: nenhuma barreira se eleva contra o progresso cultural. (ADORNO; HORKHEIMER, 2014, p. 118)

Alcântara, Coelho e Santos (2014) afirmam que a música passa a ter relação direta com a indústria cultural com a invenção do fonógrafo em 1877 por Thomas Edison. As autoras explicam que a música passou a ser vista como forma de geração de lucro e passa a ser condicionada a uma linha de produção padronizada. Entretanto, muitos artistas ainda procuram fazer seus trabalhos de forma crítica, mesmo estando inseridos nesta realidade.

A indústria cultural possui vasta influência sobre a criação, manutenção e difusão dos valores comportamentais e se utiliza constantemente de métodos de marketing que corroboram com o seu discurso, é o que afirmam Furlan, Oliveira e Maio (2017). Essa influência constantemente reforça preconceitos e estereótipos, como a banalização da imagem feminina que é vista como objeto ou que só deve se limitar ao ambiente doméstico de cuidado com a família, ou ainda a imagem criada de que é completamente guiada por sentimentos, como a busca do grande amor.

Dessa forma, quando a produção foge do considerado convencional, como explicam Médici, Castro e Monteiro (2017) ao trazer um trecho de um desabafo da cantora islandesa Björk, que reclama de como sempre se espera que mulheres

cantem sobre amores e como quando se muda de assunto, seja ativismo, galáxias ou qualquer outra coisa, são criticadas por “faltar algo”. Como se os únicos assuntos possíveis para as mulheres fossem escrever sobre algum amor, sobre suas crianças e assuntos sensíveis e delicados, enquanto aos homens se permite cantar sobre tudo.

As desigualdades nas relações de gênero sempre estiveram presentes também na música brasileira como afirma Murgel (2009). Produções feministas escritas por compositoras que traziam múltiplas visões sobre as mulheres, surgiram apenas no fim dos anos 60 para os anos 70, quando o feminismo tem uma expansão no país.

Como foi visto, a música tem o poder de levar a informação onde ela não chega com tanta facilidade. Hoje em dia é possível encontrar diversas cantoras e grupos femininos que procuram trazer em suas letras uma mensagem para as mulheres, seja de alerta ou forma de acolhimento, cantando sobre situações que muitas vezes por vergonha ou por medo são mantidas em silêncio.

Assim como a música pode denunciar situações de violência que muitas vezes passam despercebidos devido sua banalização e naturalização, Casadei (2013) afirma que também pode ser por meio dela que muitas mulheres conseguem tomar coragem para lidar com situações machistas em suas vidas.

Como podemos ver na letra de “Maria de Vila Matilde”, da Cantora Elza Soares, lançada em 2015 no álbum intitulado “A Mulher do Fim do Mundo”, que fala sobre transsexualidade, violência doméstica, racismo e aquecimento global. O álbum foi vencedor do *Grammy* Latino. A música foi composta por Douglas Germano, que em entrevista à *Rolling Stone*, declara ter escrito inspirado pela situação que vivenciava em sua casa quando criança, onde sua mãe era agredida pelo pai. Foi também motivado por Elza Soares, que segundo ele foi a primeira mulher que ele viu falar o assunto na época.

Elza Soares, mulher negra e feminista, nasceu numa área pobre do Rio de Janeiro e foi obrigada a se casar aos 12 anos, conforme Cerioni (2017). Teve seu primeiro filho aos 13 e aos 15 viu o segundo falecer. Aos 21 anos Elza já era viúva e mãe de quatro filhos. Aos 16 anos Elza se apresentou no “Calouros em Desfile”, programa de auditório apresentado por Ary Barroso. Conforme Lopes (2016) o auditório a recebeu com risos e Ary Barroso fez a pergunta “De que planeta você veio?” Elza, sem se abalar respondeu “Do planeta fome”, cessando os risos que ainda vinham do público.


Em 1962, já reconhecida como um dos nomes do Samba Brasileiro, a cantora foi madrinha da Seleção Brasileira, na Copa do Mundo. Conheceu o jogador Garrincha e os dois se apaixonaram. O jogador, que era casado separou-se da esposa para ficar com Elza, que passa a receber xingamentos, ameaças e ter sua casa bombardeada por ser considerada “destruidora de lares”.

A cantora saiu do Brasil após ter sua casa fuzilada na época da ditadura e ao voltar do exílio, nos anos 80, sua carreira não era mais a mesma. Pretendia deixar de cantar e procurar algo que lhe desse maior estabilidade, mas como uma fênix renasceu ao gravar a canção denominada “Língua” em 1984, com Caetano Veloso. Em 1999, a cantora foi eleita como a voz do milênio pela British Broadcasting Corporation (BBC) e seguiu cantando. Em seu último álbum lançado em 2015, canta músicas de protesto, e que despertam sentidos.

Figura 1 – Elza Soares.



Fonte: Lopes (2016).

 Música 1 - Elza Soares – Maria de Vila Matilde, 2015

Cadê meu celular?
 Eu vou ligar pro 180
 Vou entregar teu nome
 E explicar meu endereço
 Aqui você não entra mais
 Eu digo que não te conheço
 E jogo água fervendo
 Se você se aventurar

Eu solto o cachorro
 E, apontando pra você
 Eu grito: péguix guix guix guix
 Eu quero ver
 Você pular, você correr
 Na frente dos vizinhos
 Cê vai se arrepender de
 levantar a mão pra mim

Cadê meu celular?
 Eu vou ligar pro 180
 Vou entregar teu nome
 E explicar meu endereço
 Aqui você não entra mais
 Eu digo que não te conheço
 E jogo água fervendo
 Se você se aventurar

Eu solto o cachorro
 E, apontando pra você
 Eu grito: péguix guix guix guix
 Eu quero ver
 Você pular, você correr
 Na frente dos vizinhos
 Cê vai se arrepender de
 levantar a mão pra mim

E quando o samango chegar
 Eu mostro o roxo no meu
 braço
 Entrego teu baralho
 Teu bloco de pule
 Teu dado chumbado
 Ponho água no bule
 Passo e ofereço um cafezim
 Cê vai se arrepender de
 levantar a mão pra mim

Cadê meu celular?
 Eu vou ligar pro 180
 Vou entregar teu nome
 E explicar meu endereço
 Aqui você não entra mais
 Eu digo que não te conheço
 E jogo água fervendo
 Se você se aventurar

Eu solto o cachorro
 E, apontando pra você
 Eu grito: péguix guix guix guix
 Eu quero ver
 Você pular, você correr
 Na frente dos vizinhos
 Cê vai se arrepender de
 levantar a mão pra mim

E quando tua mãe ligar
 Eu capricho no esculacho
 Digo que é mimado
 Que é cheio de dengo
 Mal acostumado
 Tem nada no quengo
 Deita, vira e dorme rapidinho
 Você vai se arrepender de
 levantar a mão pra mim

Cê vai se arrepender de
 levantar a mão pra mim
 Cê vai se arrepender de
 levantar a mão pra mim
 Cê vai se arrepender de
 levantar a mão pra mim
 Cê vai se arrepender de
 levantar a mão pra mim
 Mão, cheia de dedo
 Dedo, cheio de unha suja
 E pra cima de mim? Pra cima
 de moi? Jamé, mané!

Cê vai se arrepender de
 levantar a mão pra mim

A música retrata uma denúncia de violência contra as mulheres. Em caráter informativo inicia apresentando o número 180, criado pela Secretaria de Políticas para

as Mulheres da Presidência da República², em 2005. O número funciona de forma gratuita em nível nacional. Está disponível também em 16 outros países e opera de forma confidencial para quem o utiliza, sendo esse apenas um dos serviços que integram a Rede Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres.

A Rede nacional de enfrentamento à violência contra a mulher é formada por uma multiplicidade de serviços que buscam articular a atuação de serviços e instituições governamentais e não-governamentais para construir estratégias de políticas que garantam o empoderamento da mulher, bem como recursos para as mulheres em situação de violência e a responsabilização de seus agressores (SECRETARIA DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES, 2011.).

Alguns dos serviços da Rede de Atendimento às Mulheres em Situação de Violência, que constitui a Rede de Enfrentamento são:

Centros de Atendimento à Mulher em situação de violência, Casas Abrigo, Casas de Acolhimento Provisório, Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher, Núcleos da Mulher nas Defensorias Públicas, Promotorias Especializadas, Juizados Especiais de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher, Central de Atendimento à Mulher - Ligue 180, Ouvidoria da Mulher, Serviços de saúde voltados para o atendimento aos casos de violência sexual e doméstica, Posto de Atendimento Humanizado nos aeroportos, e Núcleo de Atendimento à Mulher nos serviços de apoio ao migrante. (SECRETARIA DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES, 2011, p. 15-16)

Segundo o Instituto Patrícia Galvão, atualmente existem 500 Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher, 160 núcleos especializados no âmbito de distritos policiais comuns, 22 centros de referência especializados, 72 casas abrigo, 92 juizados-varas especializadas em violência doméstica, 59 núcleos especializados na Defensoria Pública e 9 núcleos especializados do Ministério Público.³

Na canção, a ainda cantora ameaça o agressor, avisando que caso ele se aproxime, irá soltar os cachorros, ou jogar água fervente no mesmo. Mostra assim, um medo de que a agressão se repita, afirmando que irá mostrar as marcas da agressão para o “samango”, forma que a polícia era chamada nos anos 60, e que não vai se calar, ou seja, a violência não ficará silenciada no espaço privado.

² Disponível em: <http://www.spm.gov.br/ligue-180>.

³ Disponível em: <http://agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/dados-e-pesquisas-violencia/dados-e-fatos-sobre-violencia-contra-as-mulheres/>

A música segue e nela Elza Soares afirma que quando a mãe do agressor ligar, irá “caprichar no esculacho”, isso pode representar um desabafo de como a família do agressor tende a protegê-lo em casos assim. Na música o verso “Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim” é repetida diversas vezes, o que pode demonstrar a raiva e mágoa da vítima declarando que não vai deixar o agressor sair impune.

Na época em qual a música foi inspirada, ainda não existia uma legislação específica para as mulheres em situação de violência. Atualmente, a Lei 11.340/06 conhecida como Lei Maria da Penha, em vigor desde setembro de 2006 trata dos casos de violência doméstica e contra a mulher, como pode ser visto no Observatório Maria da Penha⁴.

A Lei Maria da Penha, recebe esse nome em homenagem à Maria da Penha Maia Fernandes, biofarmacêutica cearense que persistiu durante vinte anos para ver seu agressor preso. Tendo sofrido após duas tentativas de assassinato, com o descaso da justiça brasileira, conseguiu enviar com o auxílio de ONGs, o caso para a Comissão Interamericana de Direitos Humanos (OEA), que acatou pela primeira vez uma denúncia de violência doméstica e condenou o Brasil por omissão e negligência, tendo como punição recomendações para a criação de uma legislação adequada a esse tipo de violência.

A violência física não é o único tipo de violência contemplado pela Lei, conforme o artigo 7º, da Lei Maria da Penha⁵, as formas de violência doméstica e familiar contra as mulheres são: física, psicológica, moral, sexual e patrimonial como pode ser visto na imagem abaixo.

⁴ Disponível em: <http://www.observe.ufba.br/lei_mariadapenha>.

⁵ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm>.

Figura 2 - Tipos de violência.

5 tipos de violência que a mulher deve denunciar

Ao contrário do que muitos pensam, a violência física não é a única forma de agressão à mulher. Veja os 5 tipos de agressão previstos na Lei Maria da Penha:

- ✦ **Física:** empurrar, chutar, amarrar, bater, violentar
- ✦ **Psicológica:** humilhar, insultar, isolar, perseguir, ameaçar
- ✦ **Moral:** caluniar, injuriar, difamar
- ✦ **Sexual:** pressionar a fazer sexo, exigir práticas que você não gosta, negar o direito a uso de qualquer contraceptivo
- ✦ **Patrimonial:** reter seu dinheiro, destruir ou ocultar seus bens, objetos, não te deixar trabalhar, ocultar



Fonte: Senado Federal⁶ (2017)

Dando sequência, podemos observar também um relato de violência na letra da música “100% Feminista” do single de mesmo nome lançado em 2016 pela Mc Carol em parceria com Karol Conká. Não é a primeira vez que cantoras fazem uma música com um tom de protesto e que podem mostrar um caráter informativo. As duas já possuem um histórico de músicas que retratam a realidade como *Delação Premiada* de Mc Carol e *Tombei da Karol Conka*, por exemplo.

Mc Carol, a Carolina de Oliveira Lourenço é mulher, negra, forte, gorda, nascida na periferia e com uma vontade de aprender sempre mais, é como Helô D’Angelo descreve a funkeira na introdução da entrevista para a revista Fórum. Carol relata na entrevista que teve que largar os estudos aos 17 anos, pois ou “Era estudar e passar fome ou trabalhar e conseguir viver, então trabalhei.”

A cantora disse que aprendeu cedo que não se encaixava nos estereótipos impostos à mulher e que aprendeu a se amar por isso. Em entrevista à Lais Gomes

⁶ Disponível em: <<https://twitter.com/senadofederal/status/851892391816704002>>.

para a revista Ego⁷, ela conta que na escola em que estudava, tinha maioria de estudantes brancos (as), ouvia piadas constantes sobre seu cabelo e sua cor. E que devido a isso, uma vez falou para seu avô, que era branco que queria, nas palavras da cantora “trocar de cor igual ao Michael Jackson” e que ele a “esculachou”, que disse a ela para se aceitar e não se importar com o que os outros diziam. E que a partir disso ela mudou e passou a se amar.

Carol, que hoje afirma que nasceu feminista, ainda ao Ego, disse que não sabia muito bem do que se tratava até ouvir a palavra em uma conversa em seu camarim e perguntar a sua empresária do que se tratava. Ao receber uma explicação disse perceber que nasceu feminista pois sempre teve na cabeça que deve haver igualdade para as mulheres, tendo sempre lutado por isso, à sua maneira, desde criança.

Sobre suas letras não tão comerciais, que retratam tantas vezes a realidade vivida por ela, diz que não pretende mudar para poder ter maior fama. A funkeira afirma que não quer mudar suas músicas e nem se ajustar a padrões para ser mais aceita. E isso pode ser visto em letras como “Não foi Cabral”, que mostra um viés histórico sobre o genocídio dos povos indígenas ou em “Delação premiada”, uma letra forte que faz críticas ao tratamento que os chamados “bandidos de colarinho branco” recebem em comparação ao “bandido pobre e favelado”.

Figura 3 – Mc Carol



Fonte: D'Angelo (2016)

⁷ Disponível em: <<http://ego.globo.com/famosos/noticia/2017/03/mc-carol-o-funk-nao-e-coisa-de-bandido-ele-salvou-minha-vida.html>>.

Karol Conká, a Karoline de Freitas Oliveira tem em comum com Mc Carol, além da música que cantam juntas, do nome, e do fato de serem duas mulheres fortes e negras, a compreensão sobre a importância do feminismo. As duas lutaram por direitos durante a vida toda.

Karol contou em entrevista à Ana Júlia Gennari para a M de Mulher em 2016, que quando era mais jovem, enxergava o feminismo como “um bicho de sete cabeças” e percebeu por meio de suas fãs comentando que suas letras falavam de feminismo. Buscou informação e descobriu que já era feminista há muito tempo.


A rapper nasceu na periferia de Curitiba e desde a infância sonhava em ser uma artista famosa. Foi mãe aos 19 anos e hoje conversa com o filho sobre o racismo, como explica à Kelly Krishna Rios para O Globo. Karol conta também que já sofreu racismo, que na época da escola, quando tinha 9 anos uma colega disse que só brincaria com ela quando ficasse branca, fazendo com que ela ao chegar em casa colocasse as mãos num balde com água sanitária, pois era assim que via a mãe clareando os panos de chão.

A cantora que teve a mãe escritora de poemas, afirma ainda que não se deslumbra com a fama pois sabe que ainda tem muita estrada pela frente e que quer continuar a falar sobre o empoderamento das mulheres negras e o enfrentamento ao racismo.

Figura 4 – Karol Conká



Fonte: Gennari (2016)

 Música 2 - MC Carol ft. Karol Conká – 100% Feminista, 2016

Presenciei tudo isso dentro da minha família
 Mulher com olho roxo, espancada todo dia
 Eu tinha uns cinco anos, mas já entendia
 Que mulher apanha se não fizer comida
 Mulher oprimida, sem voz, obediente
 Quando eu crescer, eu vou ser diferente

Eu cresci
 Prazer, Carol bandida
 Represento as mulheres, 100% feminista
 Eu cresci
 Prazer, Carol bandida
 Represento as mulheres, 100% feminista

Represento Aqualtune, represento Carolina
 Represento Dandara e Xica da Silva
 Sou mulher, sou negra, meu cabelo é duro
 Forte, autoritária e às vezes frágil, eu assumo
 Minha fragilidade não diminui minha força
 Eu que mando nessa porra, eu não vou lavar a
 louça

Sou mulher independente não aceito opressão
 Abaixa sua voz, abaixa sua mão

Mais respeito
 Sou mulher destemida, minha marra vem do
 gueto
 Se tavam querendo peso, então toma esse
 dueto
 Desde pequenas aprendemos que silêncio
 não soluciona
 Que a revolta vem à tona, pois a justiça não
 funciona
 Me ensinaram que éramos insuficientes
 Discordei, pra ser ouvida, o grito tem que ser
 potente

Eu cresci
 Prazer, Karol bandida
 Represento as mulheres, 100% feminista
 Eu cresci
 Prazer, Karol bandida
 Represento as mulheres, 100% feminista

Represento Nina, Elza, Dona Celestina
 Represento Zeferina, Frida, Dona Brasilina
 Tentam nos confundir, distorcem tudo o que
 eu sei
 Século XXI e ainda querem nos limitar com
 novas leis
 A falta de informação enfraquece a mente
 Tô no mar crescente porque eu faço diferente

Eu cresci
 Prazer, Carol bandida
 Represento as mulheres, 100% feminista
 Eu cresci
 Prazer, Karol bandida
 Represento as mulheres, 100% feminista

Eu cresci
 Prazer, Carol bandida
 Represento as mulheres, 100% feminista
 Eu cresci
 Prazer, Karol bandida
 Represento as mulheres, 100% feminista

100%, por cento, por cento, por cento feminista
 100%, por cento, por cento, por cento feminista
 100%, por cento, por cento, por cento feminista
 100%, por cento, por cento, por cento feminista

A música começa com Mc Carol cantando uma narração de uma criança presenciando a violência doméstica em que o marido bate na esposa, porque ela não o obedece, evidenciando o sentimento de posse. Tal realidade é cotidiana na vida de milhares de mulheres como exposto no Mapa da Violência. De acordo com o Relógio da Violência, do Instituto Maria da Penha, cerca de 7,2 mulheres são vítimas de violência física no Brasil.

A Mc segue cantando e cita nomes de mulheres que representam a luta contra a desigualdade, o racismo e a desigualdade de gênero. A primeira, Aqualtune, foi uma

princesa-guerreira filha do rei do Congo, que conforme Santos (2016) após sua tribo ter perdido uma batalha foi vendida como escrava e enviada para o Brasil, e escolhida para ser vendida como escrava reprodutora por ser forte e saudável.

A guerreira se encontrava num estado de letargia e depressão até ouvir falar no chamado “Reino dos Palmares”, um lugar da resistência negra. Juntou-se a um grupo de escravos para destruir a “casa grande” e fugiu ainda grávida. Sendo reconhecida como princesa quando chegou em Palmares, se tornou uma liderança. Aqualtune foi mãe de Ganga Zumba e avó de Zumbi dos Palmares, dois outros grandes guerreiros que lutavam pela liberdade do povo negro.

Figura 5 - Aqualtune



Fonte: Santos (2016).

Carolina, se refere a Maria Carolina de Jesus a “escritora favelada”, como era chamada. Segundo a Geledés (2016)⁸ Carolina de Jesus é uma das primeiras e mais importantes escritoras negras do país. Autora do livro “Quarto de despejo” lançado em 1960, sua primeira obra publicada rendeu 3 edições em 100 mil exemplares vendidos. Foi traduzida para 14 idiomas e vendido em mais de 40 países.

⁸ Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/negra-ex-catadora-e-favelada-voce-conhece-escritora-mineira-lida-em-14-linguas/>>.

A escritora nasceu em Sacramento – MG, se mudou para a capital paulista na época em que nasciam as primeiras favelas da cidade. Carolina trabalhou como doméstica e auxiliar de cozinha antes de começar a catar lixo. Na atividade começou a reunir os cadernos que recolhia e a escrever seu cotidiano. Além de contar a realidade em que vivia, também escrevia contos, romances e poemas, mesmo tendo tido apenas dois anos de estudo. A autora teve ainda outros livros publicados além de um disco. Apesar de pouco conhecida no Brasil devido à falta de reconhecimento da sua produção, os livros de Carolina são lidos até hoje em escolas norte-americanas.

Figura 6 – Maria Carolina de Jesus



Fonte: Geledés (2016).

Dandara dos Palmares, conforme Arraes (2014) foi uma guerreira que lutou pelo fim da escravidão no país, mas teve e tem sua história frequentemente apagada. Dandara criava planos e estratégias ao lado de Zumbi, que foi seu marido e pegava em armas e lutava pela libertação de seu povo. A guerreira exercia também papel de líder e lutou até o fim pela libertação das mulheres e homens negros.

Figura 7 - Dandara



Fonte: Arraes (2014).

Francisca da Silva de Oliveira, conhecida como Chica da Silva, foi, segundo matéria publicada na Geledés (2009) uma escrava que ganhou sua liberdade e ficou rica ao passar a viver numa união consensual que durou 15 anos com João Fernandes de Oliveira, um dos homens mais ricos do país na época. A união proporcionou a ex-escrava alcançar uma posição de destaque na sociedade.

O casal teve 13 filhos, os quais todos foram registrados com o nome do pai, algo que na época não acontecia, quando se tratava de filhos de um homem branco com uma escrava ou ex-escrava. A separação aconteceu, pois, João Fernandes teve que voltar a Portugal, levando consigo seus quatro filhos homens, os quais receberam título de nobreza e educação superior. Chica da Silva ficou no Brasil com as filhas mulheres. Recebeu propriedades e garantias que puderam lhe manter uma vida confortável e proporcionar educação às suas filhas.

Figura 8 – Chica da Silva



Fonte: Geledés (2009)

A cantora segue se afirmando como mulher negra e que com personalidade própria em “Sou mulher, sou negra, meu cabelo é duro, Forte, autoritária e às vezes frágil, eu assumo, minha fragilidade não diminui minha força, Eu que mando nessa porra, eu não vou lavar a louça”. Dizendo que apesar de ter sim, momentos de fragilidade isso não a torna fraca. Encerra o verso dizendo que “não vai lavar a louça”, que representa as atividades domésticas vistas como obrigação das mulheres, mas ela problematiza a naturalização desse papel.

No verso seguinte, “Sou mulher independente não aceito opressão, Abaixa sua voz, abaixa sua mão” ela destaca que não vai aceitar ser oprimida ou sofrer alguma violência, mostrando assim, que possui a informação de que isso não é “normal”, como ainda é visto, principalmente por pessoas que não incorporam padrões dominantes de gênero. Importante lembrar também que as mulheres negras tendem a sofrer mais violência doméstica, pois a imbricação entre racismo e sexismo potencializa as desigualdades.

No próximo trecho, quem canta é Karol Conká, que começa com “mais respeito” o que pode indicar em como as mulheres são desrespeitadas tantas vezes na sociedade e segue cantando sobre como é importante a coragem para “gritar”, sobre o que acontece, não se calar apesar do sentimento de revolta quando a justiça não funciona como deveria. E na frase “Me ensinaram que éramos insuficientes “de como as mulheres, desde crianças muitas vezes são criadas com a ideia de serem inferiores, de não serem capazes e precisarem de um homem.

Na sequência a rapper também cita nomes de grandes mulheres da história começando por “Nina”, que se trata de Nina Simone, mulher negra que foi cantora, pianista, compositora e ativista estadunidense. Conforme Martins (2014) tem como nome de batismo Eunice Waymon, era comprometida em mudar o mundo a sua volta.

O preconceito e os abusos que sofreu do marido enquanto casada, Nina passava ao piano, criando músicas fortes e cheias de sentimento, com letras onde cantava a realidade, o que fazia como forma de luta e resistência. Nina cantou sobre o amor, sobre escravidão, sobre resistência e sobre persistência.

Figura 9 – Nina Simone.



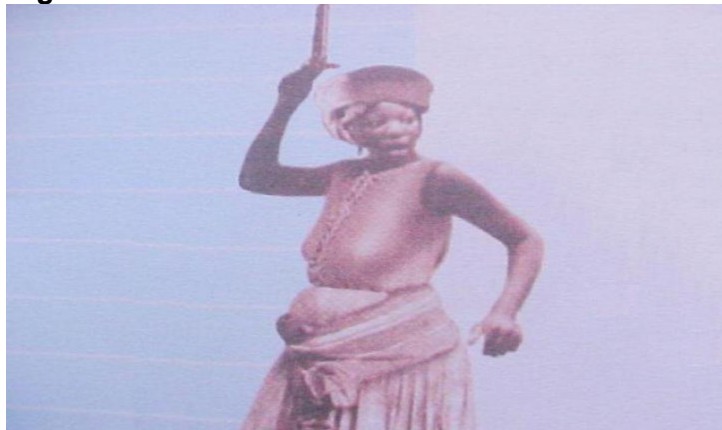
Fonte: Martins (2014).

Elza Soares, a cantora, negra, feminista e que resiste na luta por igualdade, de quem falamos anteriormente também é citada.

A música segue falando de Zeferina, que conforme Nunes (2016) foi trazida ainda criança para o Brasil, tendo sido uma rainha quilombola em Salvador e fundadora do Quilombo Urubu, baseado em modelos civilizatórios africanos com intenção de proteger seu povo. Era uma líder que organizava mulheres e homens na luta pela liberdade.

Zeferina queria ver todos os (as) escravos (as) livres e criava planos para conseguir sua liberdade e enfrentava capitães do mato com arco e flecha. Em uma batalha onde o quilombo foi invadido o grito de guerra era “Morra branco e vivo negro!”, Zeferina juntamente com outros foi levada presa, devido a desvantagem do armamento das forças policiais. Ela foi levada amarrada até a Praça da Sé sofrendo diversas humilhações, mas manteve cabeça erguida, seguindo ativa e poderosa.

Figura 10 – Zeferina

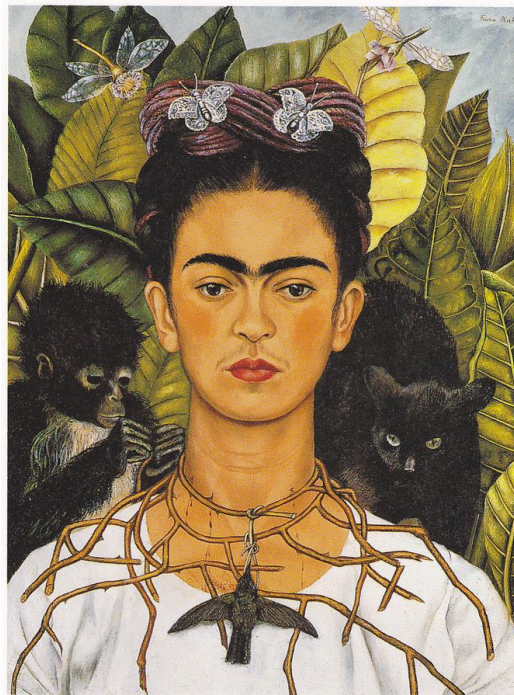


Fonte: Nunes (2016)

Frida Kahlo, a Magdalena Carmen Frieda Kahlo y Calderón, citada na música foi uma pintora surrealista mexicana que se tornou conhecida por seus autorretratos. Nasceu na Cidade do México e se dizia filha da revolução. Frida se orgulhava de ser mexicana e não seguia os padrões de beleza impostos, prova disso eram suas grossas sobrancelhas e o buço que mantinha como forma de contestação, gostava das roupas coloridas e floridas do costume mexicano.

A pintora começou a fazer seus famosos autorretratos, onde representava o que estava sentindo, após um acidente que sofreu e a obrigou ficar deitada por meses. Era bissexual e considerada a frente do seu tempo por disseminar temas como casamento, a maternidade, a bissexualidade e o aborto.

Figura 11 - Frida Kahlo.



Fonte: Fabro (2017)

A música tem sequência e em seu verso seguinte traz o seguinte trecho “Século XXI e ainda querem nos limitar com novas leis. A falta de informação enfraquece a mente”, pode mostrar o sentido de como a falta de informação, pode ser útil para que aqueles (as) que querem manter relações de poder, como por exemplo em situações como na política. Podendo citar aqui, a decisão de uma comissão especial da Câmara

dos Deputados⁹, onde mostra o retrocesso ao proibir e criminalizar qualquer tipo de aborto, mesmo quando há risco de morte para a mulher ou decorrente de um estupro.

A medida, para entrar em vigor necessita ainda de aprovação do plenário e ainda do Senado, mas, votada por dezenove homens e uma mulher, a única a votar contra, mostra como querem tirar da mulher o direito do próprio corpo, de decidir por si o que fazer.

As letras da música acima, ao retratar formas de violência, e mostrar que a mulher não precisa e não pode aceitar passar por isso pode trazer para uma mulher que se encontra em situação parecida a informação e a coragem pra procurar ajuda, mudar a situação de opressão vivida. Além de, trazer em uma das canções, Maria de Vila Matilde, uma forma de denunciar o agressor.

A segunda canção pode se tratar de uma representação do feminismo também. A letra mostra uma mulher que por meio da informação não aceita ser tratada de forma desigual, não aceita a opressão do parceiro, nem sofrer algum tipo de violência. Tal fato mostra a informação a respeito do feminismo, podendo assim ressignificar visões distorcidas e negativas do feminismo, veiculado pela mídia, e principalmente por homens, o que pode levar algumas mulheres a se afastarem.

Se nas músicas acima o assunto é a violência contra as mulheres, a cantora baiana Pitty traz em sua canção intitulada “Desconstruindo Amélia”, do álbum Chiaroscuro, de 2009, o sentimento de se libertar de ser uma mulher submissa, que se empodera para que possa ser ela mesma.

Priscilla Novaes Leone, conhecida como Pitty, nasceu em Salvador e começou a cantar e tocar ainda na adolescência. A cantora é feminista e afirma em entrevista para Renato Abê do O Povo, em 2017, da importância de se lutar pela garantia de que os (as) sujeitos (as) tenham condições e oportunidades iguais para o exercício da cidadania.

⁹ Disponível em:

<https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2017/11/09/interna_politica,915427/comissao-da-camara-proibe-aborto-ate-em-casos-de-estupro.shtml>.

Figura 12 - Pitty



Fonte: Abê (2017)

🎵 Música 3 - Pitty – Desconstruindo Amélia, 2009

Já é tarde, tudo está certo
Cada coisa posta em seu lugar
Filho dorme, ela arruma o uniforme
Tudo pronto pra quando despertar

O ensejo a fez tão prendada
Ela foi educada pra cuidar e servir
De costume, esquecia-se dela
Sempre a última a sair

Disfarça e segue em frente
Todo dia até cansar (Uhu!)
E eis que de repente ela resolve então mudar
Vira a mesa, assume o jogo
Faz questão de se cuidar (Uhu!)
Nem serva, nem objeto
Já não quer ser o outro
Hoje ela é um também

A despeito de tanto mestrado
Ganha menos que o namorado
E não entende porque
Tem talento de equilibrista
Ela é muita, se você quer saber

Hoje aos 30 é melhor que aos 18
Nem Balzac poderia prever
Depois do lar, do trabalho e dos filhos
Ainda vai pra night ferver

Disfarça e segue em frente
Todo dia até cansar (Uhu!)
E eis que de repente ela resolve então mudar
Vira a mesa, assume o jogo
Faz questão de se cuidar (Uhu!)
Nem serva, nem objeto
Já não quer ser o outro
Hoje ela é um também

Uhu, uhu, uhu
Uhu, uhu, uhu

Disfarça e segue em frente
Todo dia até cansar (Uhu!)
E eis que de repente ela resolve então mudar
Vira a mesa, assume o jogo
Faz questão de se cuidar (Uhu!)
Nem serva, nem objeto
Já não quer ser o outro
Hoje ela é um também

A canção começa narrando o que pode ser considerada a rotina de muitas mães com filhos (as), que ficam até tarde acordadas para arrumar a casa, “arrumar o uniforme” para quando a casa acordar no dia seguinte, não ter nada fora do lugar. Se na narração vista anteriormente, MC Carol se recusa a lavar a louça, representando o trabalho doméstico, desconstruindo Amélia, que pode ser vista como resposta à Amélia de Ataulfo Alves, se inicia mostrando como é prendada e como foi educada para servir, tendo o marido e família em primeiro lugar, que mesmo não estando feliz “disfarça e segue em frente”, se esquecendo de si.

Essa é uma situação que podemos encontrar ainda em nossa realidade. E em como a sociedade patriarcal ainda mostra a mulher vista em uma divisão entre o papel de “mãe santa, mulher assexuada que só cuida dos filhos (as) e a mulher degenerada. A mulher boazinha que faz todas as vontades do homem ou a mulher que é má, que “não presta”, por não o obedecer como coloca Murgel (2009).

Acontece então uma reviravolta, o que pode ser considerada a “desconstrução”, o empoderamento da Amélia que decide mudar, por não estar feliz, satisfeita e notar que é uma pessoa, uma mulher e não um objeto, sem sentimentos que deve viver apenas pelos outros.

A música mostra o questionamento sobre a desigualdade entre os salários das mulheres e dos homens no mercado de trabalho, onde a personagem se questiona do motivo de, mesmo possuindo mestrado não receber o mesmo salário que o namorado. Visto que, as mulheres ainda recebem salário inferior ao dos homens, mesmo estando em um mesmo cargo, é o que afirma Kometani (2017).

As diferenças salariais existem nas mais diversas áreas, desde trainees e estagiário, chegando até a cargos mais altos como os de gerência e de coordenação, onde o salário chega a ser de R\$8.813,00 para as mulheres e R\$ 12.006,00 para os homens. A autora ainda aponta como um dos possíveis fatores para tanta diferença a herança machista que fez com que a mulher entrasse tardiamente no mercado de trabalho e a busca por condições igualitárias que começou entre as décadas de 60 e 70.

Belloni (2017) aponta ainda que a desigualdade para as mulheres negras chega a ser maior, sendo ela suscetível a ganhar cerca de 43% menos que um homem branco, mesmo ambos possuindo a mesma graduação. Isso acontece porque além da desigualdade de gênero, ainda existe o fator do racismo enraizado em nossa

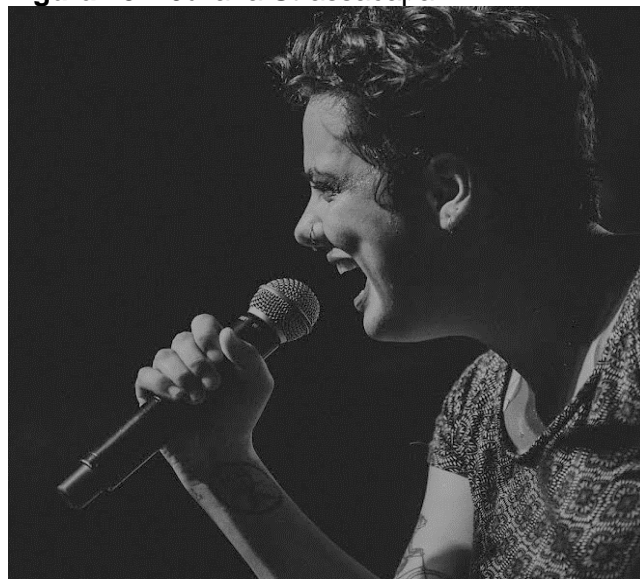
sociedade. A autora diz ainda que de acordo com um estudo do Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), as mulheres negras possuem a menor renda entre trabalhadores (as) com curso superior.

O verso continua com a comparação de que Amélia tem talento de equilibrista, que pode ser uma comparação em relação a como muitas mulheres tem que “fazer mágica” para sustentar a si e à família com o salário baixo que recebem.

A cantora faz uma referência à Balzac, escritor Francês e seu romance “Mulher de trinta” e que pode representar também, como muitas vezes a mulher de 30 é vista para a sociedade como velha, enquanto os homens são vistos como maduros, interessantes e charmosos, o que pode ser visto como consequência do patriarcado. Em sequência, Pitty canta que depois das obrigações, da casa, do trabalho e dos filhos (as) a personagem “Ainda vai pra night ferver”, mostrando que está cuidando de si, se divertindo, diferente do começo da canção, onde estava preocupada apenas em arrumar o filho.

Em “Triste, louca ou má”, segundo single do álbum Soltasbruxa da banda Francisco, El Hombre pode ser vista uma continuação do ponto de vista da música acima, em que o casamento e filhos (as), não são obrigatoriamente a felicidade da mulher, como enuncia padrões hegemônicos de gênero disseminados na sociedade.

Figura 13 – Juliana Strassacapa



Fonte: Guimarães (2017)

A música foi composta por Juliana Strassacapa, cantora, percussionista e compositora da banda composta por ela e mais quatro homens. Em entrevista à Paula

Guimarães para o portal Catarinas, diz que, musicalmente tem como inspiração produções feitas por mulheres, como Karina Buhr, Bjork, Elis Regina, Nina Simone, entre outras.

Para a música Triste, Louca ou Má, ela conta que a inspiração veio de como são denominadas, de uma maneira machista, as mulheres que decidem viver sozinhas nos Estados Unidos: sad, mad or mad. Associando a elas o abandono, ignorando o fato de que viver sozinhas poder ser uma decisão das mulheres. Como se não pudessem simplesmente querer ter seu lugar e sua privacidade. Tal situação não difere das representações alocadas às mulheres que vivem sozinhas em nosso país.

Música 4 - Francisco El Hombre – Triste, Louca ou Má, 2016

Triste louca ou má Será qualificada Ela quem recusar Seguir receita tal	Ela desatinou Desatou nós Vai viver só
A receita cultural Do marido, da família Cuida, cuida da rotina	Eu não me vejo na palavra Fêmea: Alvo de caça Conformada vítima
Só mesmo rejeita Bem conhecida receita Quem não sem dores Aceita que tudo deve mudar	Prefiro queimar o mapa Traçar de novo a estrada Ver cores nas cinzas E a vida reinventar
Que um homem não te define Sua casa não te define Sua carne não te define Você é seu próprio lar	E um homem não me define Minha casa não me define Minha carne não me define Eu sou meu próprio lar
Que um homem não te define Sua casa não te define Sua carne não te define	Ela desatinou Desatou nós Vai viver só
Ela desatinou Desatou nós Vai viver só	

A música começa enunciando como as mulheres são vistas quando decidem cuidar de si, ser independente e não buscar casamento e filhos (as) “triste, louca ou má”, além do título da canção é como são chamadas aquelas que não seguem “a receita cultural” imposta pela sociedade como a única aceitável.

Na sequência, a música mostra que as mulheres que não seguem o padrão casar e ter filhos (as), enfrenta discriminações.

No verso seguinte, Juliana canta “um homem não te define, Sua casa não te define, Sua carne não te define, Você é seu próprio lar” como quem fala para as outras mulheres, para quem a escuta que uma mulher não precisa de um homem, de um casamento ou, como pode ser entendido do corpo padrão impossível exigido das mulheres para se sentirem felizes e realizadas.

Parece inadmissível que em 2017 ainda se exija que a mulher case, tenha filhos (as) como se este fosse um desejo e destino de todas para se realizarem, mas infelizmente ainda acontece frequentemente. Dos homens, isso nunca é cobrado, em nossa sociedade patriarcal o homem pode seguir sua carreira, se dedicar ao trabalho sem a cobrança de ‘formar uma família’.

A música segue e podemos entender em “Ela desatinou, Desatou nós, Vai viver só” como a libertação da mulher que percebe que não necessita viver como pede a “receita cultural”, ela desata os nós da sociedade machista que a fazia se sentir pressionada a uma vida que a faria infeliz e se empodera, luta por si.

Ela não se vê como a fêmea que deve reproduzir e cuidar apenas dos outros, nunca de si como a “mãe santa”, que não tem uma vida fora da família e luta por isso, por viver sua vida e seguir os caminhos com autonomia. A música termina com o verso parecido com o anterior, porém cantando para si “E um homem não me define, Minha casa não me define, Minha carne não me define, Eu sou meu próprio lar”, que pode ser visto como a necessidade dela mesma se afirmar e dar forças, perante as dificuldades que surgirem.

A música tem um forte sentimento de auto aceitação, e assim como a música de Pitty podem inspirar, em nossa concepção, as mulheres no processo de empoderamento. São letras que informam de uma forma a acolher e mostrar que o a mulher pode ser ela mesma, “ela é seu próprio lar” e “hoje ela é um também” transmite que acima de tudo ela é humana, com sonhos e vontades próprias e não objetos, robôs a favor dos homens.

As músicas descritas trazem em si a mensagem de que ser mulher é uma luta constante. O caminho para a igualdade ainda é longo, mas que não necessariamente precisa ser percorrido sozinho e que se pode ter outras mulheres ao lado, seja uma amiga, uma irmã, uma personagem, uma música, um grupo feminista e um (a) profissional da informação que dissemine informação para o empoderamento.

Além disso, por meio música que tem grande alcance, ela pode chegar na mulher que sofre violência doméstica, pode chegar até a adolescente que sofre algum tipo de assédio e mostrar que aquela situação é violação dos direitos humanos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho abordou a música como fonte de informação, analisando suas letras e como podem contribuir para o enfrentamento às distintas discriminações que afetam mulheres cotidianamente. Buscamos visibilizar a importância do (a) bibliotecário (a) enquanto mediador (a), buscando assim contribuir para uma biblioteconomia com base mais social.

A informação musical é relevante justamente por estar em todos os lugares e chegar onde muitas vezes um livro não tem a chance de chegar. Podendo ser ainda a porta de entrada para determinadas informações que, ao causar interesse em quem ouviu, tende a aprofundar-se a respeito. Castro e Oliveira (2016) afirmam que a música é uma maneira de informar e expressar acontecimentos, nesse caso, uma mulher pode se sentir apoiada ao ouvir uma música que traga informações e uma mensagem de empoderamento e procurar mais informações sobre determinada situação.

O foco da música para as mulheres, se deve ao fato de que apesar dos avanços, ainda há um longo caminho a percorrer para que haja igualdade de gênero. As mulheres ainda sofrem abusos diários, seja no ônibus, no trabalho, na escola, na universidade e até mesmo no âmbito doméstico. Por isso, é cada vez mais importante disseminar as formas de realizar denúncia e os locais para enfrentamento às violências.

Cotidianamente vivenciamos e observamos mulheres sofrerem discriminações distintas, uma “onda” conservadora assola o país em que as diferenças tendem a não ser respeitadas, desta forma é necessário manter-nos alerta.

A análise realizada por meio da descrição das letras das músicas, mostra que a música pode ser usada como forma de mediar a disseminação da informação. A música dependendo de seu contexto, pode ter o poder de informar tanto em um contexto histórico, como sobre fatos atuais, cantando a realidade e as possibilidades de enfrentar preconceitos e disseminar informações de resistência, como a das mulheres negras, protagonistas das músicas. Ressalta-se que a imbricação racismo e sexismo ocasionam graves violações dos direitos das mulheres negras, que historicamente têm lutado para ter acesso à educação, à saúde, ao mercado de trabalho. A literatura utilizada para a realização da pesquisa evidenciou que as produções científicas, culturais e artísticas das mulheres negras tendem a não serem

visibilizadas em decorrência do racismo. As músicas utilizadas, são cantadas por mulheres feministas, negras que cantam para outras mulheres e transmitem sua arte pela informação. Seja na música que divulga o canal para denúncias de violência contra as mulheres, seja na música que transmite a mensagem de que “você se basta”, o ideal de apoiar a mulher que escuta, se configura como subsídio que auxilia o empoderamento.

Desta forma, consideramos que o (a) profissional bibliotecário (a) por meio de sua atuação configura-se como fundamental para organizar, tratar, disseminar e resgatar a memória das mulheres negras. Na biblioteca, por exemplo, realizar saraus, campanhas, disseminar acervo de mulheres negras, exposição de livros, entre outros, pode gerar conhecimentos baseados no respeito às diferenças.

REFERÊNCIAS

- ABÊ, Renato. Entre vida e carreira, Pitty avalia seus 40 anos. **O Povo**, Fortaleza, 7 out. 2017. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/jornal/vidaearte/2017/10/entre-vida-e-carreira-pitty-avalia-seus-40-anos.html>>. Acesso em: 18 nov. 2017.
- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- ALCÂNTARA, Julie Caroline de; COELHO, Rafaela de Campos; SANTOS, Vanessa Matos dos. Música: entre a Indústria cultural e a Cultura da mídia. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 19., 2014, Vila Velha. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Intercom, 2014. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2014/resumos/R43-1200-1.pdf>>. Acesso em 19 mar. 2018.
- ALESSI, Gil. Morte de mulheres negras dispara com falta de amparo na periferia. **El País**, São Paulo, 9 nov. 2015. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/06/politica/1446816654_549295.html>. Acesso em 15 nov. 2017.
- ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Abril, 1985.
- AQUINO, Mirian Albuquerque; SILVA JÚNIOR, Jobson Francisco. A informação no funk: construindo a identidade afrodescendente. **Biblionline**, João Pessoa, v. 8, n. esp., p. 250-262, 2012. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/view/14212>>. Acesso em: 12 jun. 2017.
- AQUINO, Mirian Albuquerque; SILVA JÚNIOR, Jobson Francisco; SILVA, Leyde Klébia Rodrigues da. Comunidades virtuais de música como subsídio para a construção da identidade afrodescendente. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.19, n.1, p.75-89, jan./mar. 2014. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/1807>>. Acesso em: 12 jun. 2017.
- ARRAES, Jarid. E Dandara dos Palmares, você sabe quem foi?. **Geledés**, São Paulo, 8 nov. 2014. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/e-dandara-dos-palmares-voce-sabe-quem-foi/>>. Acesso em: 17 nov. 2017.
- ASCHER, Marisa; CAFÉ, Lígia. Organização da informação ou organização do conhecimento. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2008, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: ANCIB, 2008. Disponível em: <[http://cmapspublic.ihmc.us/rid=1KR7TM7S9-S3HDKP-5STP/BRASCHER%20CAF%C3%89\(2008\)-1835.pdf](http://cmapspublic.ihmc.us/rid=1KR7TM7S9-S3HDKP-5STP/BRASCHER%20CAF%C3%89(2008)-1835.pdf)>. Acesso em: 28 set. 2017.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. **A questão da informação**. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 8, n. 4, 1994. p. Disponível em: <<http://bogliolo.eci.ufmg.br/downloads/BARRETO%20A%20Questao%20da%20Informacao.pdf>>. Acesso em 3 out. 2017.

BARROS, Camilla Monteiro de. **Cultura, informação e sociedade: o espaço da música no desenvolvimento e gestão de coleções**. 2006. 49 p. Monografia, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2006. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/8818629-Camilla-monteiro-de-barros-cultura-informacao-e-sociedade-o-espaco-da-musica-no-desenvolvimento-e-gestao-de-colecoes-florianopolis-sc.html>>. Acesso em: 15 ago. 2017.

BARROS, Valena de Jesus. **A música como fonte de comunicação e expressão do contexto social dos seres humanos**. Belém: UFPA, 2016. Monografia, Universidade Federal do Pará. Disponível em: <<http://bdm.ufpa.br/jspui/handle/prefix/35>>. Acesso em: 27 jul. 2017.

BATTLES, Matthew. **A conturbada história das bibliotecas**. São Paulo: Planeta, 2003.

BELLONI, Luiza. Mulher negra graduada no Brasil recebe 43% do salário de homem branco. **Agência Patrícia Galvão**, São Paulo, 16 nov. 2017. Disponível em: <http://agenciapatriciagalvao.org.br/racismo_/mulher-negra-graduada-no-brasil-recebe-43-do-salario-de-homem-branco/>. Acesso em 18 nov. 2017.

BENNETT, Roy. **Uma breve história da música**. Rio de Janeiro, Zahar, 2007.

BLACKING, John. Música, cultura e experiência. **Cadernos de Campo**, São Paulo, 2007, v. 16, n. 16, p. 201-218, dez. 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50064/55695>>. Acesso em: 14 out. 2017.

BORNHEIM, Gerd. **Metafísica e finitude**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

BRASIL. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 8 ago. 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm>. Acesso em: 16 nov. 2017.

CASADEI, Eliza Bachega. O punk não é só para o seu namorado: esfera pública alternativa, processos de identificação e testemunho na cena musical Riot Grrrl. **Música Popular em Revista**, Campinas, v. 2, n. 1, p. 197-214, jan./jun. 2013.

CASTRO, Jetur Lima de.; OLIVEIRA, Alessandra Nunes de. A música como fonte representativa de informação: o caso da Fonoteca Satyro de Mello no

CENTUR/FCPTN. **Inf. Prof.**, Londrina, v. 5, n. 1, p. 160-180, jan./jun. 2016. Disponível em:

<<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/infoprof/article/view/24132/18745>>. Acesso em: 23 jun. 2017.

CASTRO, Kedma Lima de; CASTRO, Jetur Lima de.; OLIVEIRA, Alessandra Nunes de. A moda como objeto de informação: o caso do movimento feminista punk Riot Grrrl. **AtoZ**, Curitiba, v. 4, n. 1, p. 24-33, jan./jun. 2015. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/atoz/article/view/41762>>. Acesso em: 17 nov. 2016.

CERIONI, Clara. Da favela à cantora do milênio: Elza Soares completa hoje 80 anos. **Exame**, São Paulo, 23 jun. 2017. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/estilo-de-vida/da-favela-a-cantora-do-milenio-elza-soares-completa-hoje-80-anos/>>. Acesso em: 16 nov. 2017.

CHICA da Silva. **Geledés**, São Paulo, 2 jun. 2009. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/chica-da-silva/>>. Acesso em: 18 nov. 2017.

CORREA, Mariza. Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil: um exemplo pessoal. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 16, p. 13-30, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332001000100002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 06 nov. 2017.

CÔRTEZ, Gisele Rocha. ALVES, Edvaldo Carvalho. SILVA, Leyde Klebia Rodrigues da. Mediação da informação e violência contra mulheres: disseminando dados quantitativos no centro estadual de referência da mulher Fátima Lopes. **Tendências da pesquisa brasileira em ciência da informação**. V. 8, n. 2, jul./dez. 2015. p. 59-79. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/enancib2015/enancib2015/paper/viewFile/3028/1050>>. Acesso em: 28 jun. 2017.

CORTEZ, Mirian Béccheri; SOUZA, Lídio de. Mulheres (in)subordinadas: o empoderamento feminino e suas repercussões nas ocorrências de violência conjugal. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 24, n. 2, p. 171-180, Jun. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722008000200006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 06 nov. 2017.

CUNHA, Murilo Bastos da. **Para saber mais**: fontes de informação em ciência e tecnologia. Brasília: Briquet de Lemos, 2001. 168 p.

D'ANGELO, Helô. MC Carol: "Eu nasci feminista". **Fórum**, Santos, 2 fev. 2016. Disponível em: <<https://www.revistaforum.com.br/semanal/mc-carol-eu-nasci-feminista1/>>. Acesso em: 16 nov. 2017.

ELZA Soares brada contra violência doméstica em novo single: ouça. **Rolling Stone**, São Paulo, 15 ago. 2015. Disponível em: <<http://rollingstone.uol.com.br/noticia/elza-soares-brada-contraviolencia-domestica-em-novo-single-ouca/#imagem0>>. Acesso em: 11 nov. 2017.

FABRO, Nathalia. Frida Kahlo: 5 fatos para entender quem foi a artista. **Galileu**, Porto Alegre, 5 jul 2017. Disponível em:

<<http://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2017/07/frida-kahlo-5-fatos-para-entender-quem-foi-artista.html>>. Acesso em: 18 nov. 2017.

FERREIRA, Maria Mary. O profissional da informação no mundo do trabalho e as relações de gênero. **Transinformação**, Campinas, v.15, n.2, p. 189-201, maio/ago. 2003. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/index.php/article/view/0000000371/35bfa823b2fe221d920ca9d701167608>>. Acesso em 2 mar. 2015

FONSECA, Edson Nery da. **A Biblioteconomia brasileira no contexto mundial**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1979. 112 p.

FORREST, Niara Paz Romero. **Gênero e relações de poder na biblioteconomia: FCI e BCE 1966 - 2014**. 2014. 77 p. Monografia, Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em: <<http://bdm.unb.br/handle/10483/8590>>. Acesso em: 09 mar. 2018

FREIRE, Gustavo Henrique de Araújo. FREIRE, Isa Maria. **Introdução à ciência da informação**. João Pessoa: EdUEPB, 2009.

FURLAN, Cássia Cristina; OLIVEIRA, Márcio de; MAIO, Eliane Rose. Indústria cultural: aspectos relacionados a gênero e sexualidade. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL EM EDUCAÇÃO SEXUAL, 5., 2017, Maringá. **Anais eletrônicos...** Maringá: UEM, 2017. Disponível em: <<http://www.sies.uem.br/trabalhos/2017/3193.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

GENNARI, Ana Júlia. Karol Conka fala sobre racismo, empoderamento da mulher negra e machismo no rap nacional. **M de Mulher**, São Paulo, 28 out. 2016. Disponível: <<https://mdemulher.abril.com.br/cultura/karol-conka-fala-sobre-racismo-empoderamento-da-mulher-negra-e-machismo-no-rap-nacional/>>. Acesso em: 17 nov. 2017.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 200 p.

GOMES, Laís. Mc Carol: 'O funk não é coisa de bandido, ele salvou a minha vida'. **Ego**, São Paulo, 5 mar. 2017. Disponível em: <<http://ego.globo.com/famosos/noticia/2017/03/mc-carol-o-funk-nao-e-coisa-de-bandido-ele-salvou-minha-vida.html>>. Acesso em: 16 nov. 2017.

GUIMARÃES, José Augusto Chaves; PINHO, Fabio Assis. Aspectos Éticos em Organização e Representação do Conhecimento (ORC). In: FUJITA, M.S.L. ;

MARTELETO, R.M. ; LARA, M.L.G.de. (Org.). **A Dimensão Epistemológica da Ciência da Informação e suas Interfaces Técnicas, Políticas e Institucionais nos Processos de Produção, Acesso e Disseminação da Informação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2008. p. 67-85.

GUIMARÃES, Paula. A música libertária de Francisco, el hombre. **Catarinas: jornalismo com perspectiva de gênero**, [S.l.], 19 jan. 2017. Disponível em:

<<http://catarinas.info/a-musica-de-protesto-e-o-carater-libertario-da-banda-francisco-el-hombre/>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

HIPOLITO, Marta Maria de Brito.; SILVA, Luceni Caetano da. Música: um arquivo documental e de memória auditiva. In: ALBUQUERQUE, Maria Elizabeth Baltar Carneiro de. et al. (Org.). **Representação da informação: um universo multifacetado**. João pessoa: Editora da UFPB, 2013.

HUMMES, Júlia Maria. Por que é importante o ensino de música? Considerações sobre as funções da música na sociedade e na escola. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 12, n. 11, p. 17-25, set. 2004. Disponível em: <<http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/343>>. Acesso em: 13 jul. 2017.

INSTITUTO MARIA DA PENHA. **Relógios da violência**. Disponível em: <<http://www.relogiosdaviolencia.com.br/>>. Acesso em 11 nov. 2017.

KLÖPPEL, Jéssica Vilvert.; SOUZA, Renata Stein de. SPUDEIT, Daniela. Música como fonte de informação: a representação da cultura de Florianópolis. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2013, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Febab, 2013. Disponível em: <<https://portal.febab.org.br/anais/article/view/1631>>. Acesso em: 12 fev. 2017.

KOBASHI, N. Y. Fundamentos semânticos e pragmáticos da construção de instrumentos de representação de informação. **DataGramaZero**, v. 8, n. 6, 2007. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/7756>>. Acesso em: 13 set. 2017.

KOMETANI, Pâmela. Mulheres ganham menos do que os homens em todos os cargos, diz pesquisa. **G1**, São Paulo, 7 mar. 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/mulheres-ganham-menos-do-que-os-homens-em-todos-os-cargos-diz-pesquisa.ghtml>>. Acesso em: 18 nov. 2017.

LANCASTER, F. W. **Indexação e resumos: teoria e prática**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1996.

LINDEMANN, Catia. SPUDEIT, Daniela. CORRÊA, Elisa Cristina Delfini. Por uma Biblioteconomia mais social: interfaces e perspectivas. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**. Florianópolis, v. 21, n. 22, p. 707-723, ago./nov., 2016. Disponível em: <<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1211>>. Acesso em: 22 ago 2017.

LOPES, Mário. Elza Soares: choque de vida. **Público**, Lisboa, 2 set. 2016. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2016/09/02/culturaipsilon/noticia/elza-soares-cantara-ate-ao-fim-1742742>>. Acesso em 16 nov. 2017.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, Campinas, v. 19, n. 2, p. 17-23, ago. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072008000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso: em 06 nov. 2017.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. 179 p.

MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. 311 p.

MARIZ, Vasco. **História da música no Brasil**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2000.

MARTELETO, R. M. Jovens, violência e saúde: construção de informações nos processos de mediação e apropriação de conhecimentos. **RECIIS: R. Eletr. de Com. Inf. Inov. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 3, p. 17-24, set. 2009. Disponível em: <<http://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/751>>. Acesso em: 20 out. 2017.

MARTINS, Vitor. Nina Simone: uma cantora de verdade. **Geledés**, São Paulo, 9 nov. 2014. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/nina-simone-uma-cantora-da-verdade/>>. Acesso em: 18 nov. 2017.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2002.

MARTUCCI, Elisabeth Márcia. A feminização e a profissionalização do magistério e da Biblioteconomia: uma aproximação. **Perspect. Ci. Inf.**, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 255-244, jul./dez. 1996. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/642>>. Acesso em: 17 set. 2017

MASSENHO, André.; BARROS, Tiago (Org.). **Para ouvir uma canção**. Rio de Janeiro: Quintal Produções, 2011. 80 p.

MÉDICI, Júlia; CASTRO, Clariana; MONTEIRO, Tiago. O futuro é feminino: o empoderamento feminino por meio da música. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 40., 2017, Curitiba. **Anais eletrônicos...** Curitiba: Intercom, 2017. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2270-1.pdf>>. Acesso em 10 nov 2017.

MENDES, Raiana Siqueira; VAZ, Bruna Josefa de Oliveira; CARVALHO, Amasa Ferreira. O movimento feminista e a luta pelo empoderamento da mulher. **Gênero e direito**, João Pessoa, v. 4, n. 3, p. 88-99, set./dez. 2015. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/ged/article/view/25106>>. Acesso em: 09 nov. 2017.

METAMORFOSE de Elza Soares, A. **Geledés**. São Paulo, 14 nov. 2017. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/a-metamorfose-de-elza-soares/>>. Acesso em: 16 nov. 2017.

MILANESI, Luís. **Biblioteca**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

MORA, José Ferrater. **Dicionário de filosofia**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MORIGI, Valdir José.; BONOTTO, Martha E. K. Kling. A Narrativa Musical, Memória e Fonte de Informação Afetiva. **Em questão**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 143-161, jan./jun. 2004. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/88>>. Acesso em: 22 mar. 2017.

MORIGI, Valdir José.; SOUTO, Luzane Ruscher. Entre o passado e o presente: as visões de biblioteca no mundo contemporâneo. **Rev. ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**. Florianópolis, v. 10, n. 2, p. 189-206, jan./dez., 2005. Disponível em: <<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/432/551>>. Acesso em: 31 ago 2017.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. A ciência, o sistema de comunicação científica e a literatura científica. In: CAMPELLO, Bernadete Santos.; CENDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Marguerite. (Orgs.). **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. O ensino de Biblioteconomia no Brasil. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 14, n. 1, p. 3-15, jan.-jun. 1985. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/222>>. Acesso em: 26 ago. 2017.

MURGEL, Ana Carolina Arruda de Toledo. A musa despedaçada: representações do feminino nas canções brasileiras contemporâneas. **Labrys**, Brasília, v. 17, p. 1-15, 2009. Disponível em: <http://www.caromurgel.mpbnet.com.br/artigos/MURGEL_Ana_Carolina-A_musa_despedacada-Labrys.pdf>. Acesso em 02 ago. 2017.

NÓVOA, António. Para o estudo sócio-histórico da gênese e desenvolvimento da profissão docente. **Teoria e Educação**, Porto Alegre, v.4, p. 109-139, 1991.

NUNES, Davi. Zeferina: rainha quilombola que lutou contra a escravidão em Salvador-BA. **Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades**, São Paulo, 24 abr. 2016. Disponível em: < <https://www.ceert.org.br/noticias/historia-cultura-arte/11273/zeferina-rainha-quilombola-que-lutou-contr-a-escravidao-em-salvador-ba> >. Acesso em 18 nov. 2017.

OBSERVATÓRIO LEI MARIA DA PENHA. Lei Maria da Penha. Disponível em: <http://www.observe.ufba.br/lei_mariadapenha>. Acesso em: 16 nov. 2017.

OLIVEIRA, Laís Paula Rodrigues de; CASSAB, Latif Antonia. O movimento feminista: algumas considerações bibliográficas. In: SIMPÓSIO GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS, 9., 2014, Londrina. **Anais eletrônicos...** Londrina: UEL, 2014. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/GT10_La%C3%ADs%20Paula%20Rodrigues%20de%20Oliveira%20e%20Latif%20Cassab.pdf> Acesso em: : 07 nov. 2017

OLIVEIRA, Marlene.; CARVALHO, Gabrielle Francinne. SOUZA, Gustavo Tanus. Trajetória histórica do ensino da Biblioteconomia no Brasil. **Inf. & Soc.:Est.**, João Pessoa, v.19, n.3, p. 13-24, set./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/3754/3167>>. Acesso em: 26 ago. 2017.

ORTEGA, Cristina Dotta. Do princípio monográfico à unidade documentária: exploração dos fundamentos da Catalogação. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v.7, n.1, p. 43-60, mar. 2011. Disponível em: <http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/_repositorio/2011/04/pdf_473df66734_0015646.pdf>. Acesso em: 02 out. 2017.

PAZ, Gaspar. Interpretação e canção popular. In: MASSENO, André.; BARROS, Tiago. **Para ouvir uma canção**. Rio de Janeiro: Quintal Produções, 2011. p. 26-37.

PINTO, Tiago de Oliveira. Som e música: questões de uma antropologia sonora. **Revista de Antropologia.**, São Paulo, v.44, n.1, p. 221-286, jan./jun. 2001. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/27128>>. Acesso em 20 out. 2017.

RAMOS, Sílvia. Violência, violências: mais agredidas ou mais atentas? In: LIMA, Renato Sérgio de. et al. **Visível e invisível: A vitimização de mulheres no Brasil**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2017. p. 21-24.

RANGANATHAN, S. R. **As cinco leis da biblioteconomia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2009.

RIOS, Kelly Krishna. Karol Conka fala sobre feminismo e racismo: 'Preconceito machuca'. **O Globo**, Rio de Janeiro, 3 set. 2016. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/ela/moda/karol-conka-fala-sobre-feminismo-racismo-preconceito-machuca-20042189>>. Acesso em 17 nov. 2017.

RUSSO, Laura Garcia Moreno. **A Biblioteconomia brasileira: 1915-1965**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1966.

RUSSO, Mariza. Inovação no ensino da Biblioteconomia no brasil: implantação do bacharelado na modalidade de educação a distância. **Inf. & Soc.: Est.**, João Pessoa, v.26, n.1, p. 21-35, jan./abr. 2016. Disponível em:

<<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/28772/15526>>. Acesso em: 15 set. 2017.

SALES, Fernanda de.; SARTORI, Ademilde Silveira. Música como fonte de informação da escola: contribuições da Biblioteca Escolar. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 89-101, dez./mar., 2016. Disponível em: <<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1156>>. Acesso em 18 ago. 2017.

SANTINI, Rose Marie.; SOUZA, Rosali Fernandez de. Recuperação da informação de música e a ciência da informação: tendências e desafios de pesquisa. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8., 2007, Salvador. **Anais eletrônicos...** Salvador: UFBA, 2007. p. 1-14. Disponível em: <<http://www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/GT2--143.pdf>>. Acesso em 13 jul. 2017.

SANTO, Patrícia Espírito. Os estudos de gênero na Ciência da Informação. **Em questão**. Porto Alegre, v. 14, n. 2., p. 317-332, jul./dez. 2008. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/6389>>. Acesso em 06 nov. 2017.

SANTOS, Ana Paula Limas dos; RODRIGUES, Mara Eliane Fonseca. Biblioteconomia: gênese, história e fundamentos. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 116-131, jul./dez. 2013. Disponível em: <<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/248>>. Acesso em: 5 out. 2017

SANTOS, J. M. O processo histórico evolutivo das bibliotecas da Antiguidade ao Renascimento. **Vida de Ensino**, Goiás, v. 1, n. 1, p. 1-10, ago./fev. 2009/2010. Disponível em: <<https://www.ifgoiano.edu.br/periodicos/index.php/vidadeensino/article/download/403/282>>. Acesso em: 3 out. 2017

SANTOS, Mafoane Odara Poli; GRELIN, Daniela Marques. Violências invisíveis: o não óbvio em evidência. In.: LIMA, Renato Sérgio de. et al. **Visível e invisível: A vitimização de mulheres no Brasil**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2017. p. 35-39.

SANTOS, Minnie. Conheça Aqualtune avó de Zumbi dos Palmares. **Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades**, São Paulo, 10 jul. 2016. Disponível em: <<https://www.ceert.org.br/noticias/historia-cultura-arte/12428/conheca-aqualtune-avo-de-zumbi-dos-palmares>>. Acesso em: 17 nov. 2017.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, 1996. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/235>>. Acesso em: 22 set. 2017.

SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. Conceituando “Empoderamento” na perspectiva feminista. SEMINÁRIO INTERNACIONAL: TRILHAS DO

EMPODERAMENTO DE MULHERES, 1., Salvador. **Anais eletrônicos...** Salvador: UFBA, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6848>>. Acesso em: 23 ago. 2017.

SECRETARIA DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Disponível: <<http://www.spm.gov.br/assuntos/violencia/ligue-180-central-de-atendimento-a-mulher>>. Acesso: 16 nov. 2017.

SERPA, Nara Cavalcante. A inserção e a discriminação da mulher no mercado de trabalho: questão de gênero. In: FAZENDO GÊNERO, 9., 2010, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: UFSC, 2010. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1265896752_ARQUIVO_ARTI_GOREVISA0.pdf>. Acesso em 05 nov. 2017.

SHERA, Jesse. Epistemologia social, semântica geral e Biblioteconomia. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 6, n. 1, p. 9-12, 1977. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/92>>. Acesso em: 31 jul. 2017.

SILVA JÚNIOR, J. F. da. **A Informação musical como possibilidade de construção da identidade afrodescendente na cibercultura**. 2010. 71 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010. Disponível em: <<http://security.ufpb.br/biblio/contents/tcc/tcc-2010/informacao-musical-como-possibilidade-de-construcao-da-identidade-afrodescendente-na-cibercultura.pdf/view>>. Acesso em: 19 out. 2017.

SILVA, Ana Maria Ferreira da. et al. (In)Formação musical: proximidades antropo comunicacionais epistemológicas sobre o Catolicismo e o Candomblé. **Comun. & Inf.**, Goiânia, v. 19, n. 2, p. 04-18, jul./dez. 2016. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/ci/article/view/36020>>. Acesso em 22 mar. 2017.

SILVA, André Luiz dos Santos. Informação, fontes de informação e etnoconhecimento: contribuições da Biblioteconomia para o estudo do negro no Brasil. **Revista África e Africanidades**, v. 7, n.19, abr. 2015. Disponível em: <<http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/04042015.pdf>>. Acesso em 10 nov. 2017.

SILVA, Luciana Candida da. Et al. O código RDA e a iniciativa BIBFRAME: tendências da representação da informação no domínio bibliográfico. **Em questão**, Porto Alegre, v. 23, n. 3, set./dez. 2017. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/69549>>. Acesso em 22 set. 2017.

SOUZA, Clarice Muhlethaler de. Biblioteca: uma trajetória. In: CONGRESSO DE BIBLIOTECONOMIA, 3, 2005. Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <<http://www.geocities.ws/csouza952/IICIB.pdf>>. Acesso em: 02 nov. 2017.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1999.